

# **CANCIONEIRO TRADICIONAL MIRANDÊS**

**DE**  
**SERRANO BAPTISTA**



*APRESENTAÇÃO E NOTAS*

*DE*  
**ANTÓNIO MARIA MOURINHO**

**II VOL.**

**1987**

**Edição original:**

**Título:** Cancioneiro Tradicional Mirandês – II Volume

**Autor:** Serrano Baptista

**Apresentação e Notas:** António Maria Mourinho

**Editor:** António Maria Mourinho & Câmara Municipal de Miranda do Douro

**Capa:** Hirundino João

**Fotocomposição, montagem, offset e acabamentos:** Escola Tipográfica de Bragança

**Ano:** 1987

**Edição fac-similada:**

**Título:** Cancioneiro Tradicional Mirandês | Volume II

**Coordenação Editorial:** Celina Pinto | Museu da Terra de Miranda - Direção Regional de Cultura do Norte

**Autor:** Serrano Baptista

**Editor:** Museu da Terra de Miranda - Direção Regional de Cultura do Norte

**Capa:** Adaptação Pedro Almeida

**Impressão e design gráfico:** FEBREDIDEIAS, Lda.

**Suporte:** Impresso

**Formato:** Encadernado

**Ano:** 2021

**ISBN:** 978-989-54871-5-8

**Depósito Legal:** 484714/21

## Uma Voz Comum

A edição fac-símile do Cancioneiro Tradicional Mirandês é uma das ações inscritas no projeto Termus – Territórios Musicais, iniciativa de cooperação transfronteiriça financiada pelo INTERREG V promovem esta iniciativa, a Direção Regional de Cultura do Norte, através do Museu da Terra de Miranda, em Miranda do Douro, e o Museo Etnográfico de Castilla y León, em Zamora.

O projeto incide sobre um património cultural comum que revela o quão fáceis de atravessar são as fronteiras, mesmo aquelas que, geograficamente, podem representar obstáculos assinaláveis ou as que a história política e administrativa consagrou. A cultura é sempre aprendida, transmitida e partilhada. Isto mesmo o provam as afinidades culturais entre o planalto mirandês e a província de Zamora.

O projeto Termus tem-se dedicado à investigação, recuperação, conservação e valorização do património material e imaterial relacionado com a música tradicional e popular, com a memória oral e sonora de uma região, com o que, afinal, podemos definir como a voz das suas comunidades.

A publicação do Cancioneiro Tradicional Mirandês, paralela à do Cancionero Zamorano, permite fixar essa voz, divulgá-la e conduzir, assim o esperamos, à sua apropriação e uso pelos criadores contemporâneos, garantindo os circuitos de transmissão inerentes ao património.

Laura Castro  
Diretora Regional de Cultura do Norte



## Cancioneiro Mirandês a alma do povo

A presente edição do Cancioneiro Tradicional Mirandês reporta-nos para um período importante e profícuo no que concerne a registos e levantamentos etnográficos, levados a cabo um pouco por todo o país, nas décadas de sessenta, setenta e oitenta do século passado, e sublinha o papel de António Maria Mourinho<sup>1</sup> enquanto etnógrafo e a sua importância para a consolidação da etnografia e da antropologia na região da Terra de Miranda, bem como o importante trabalho de recolha desenvolvido por Francisco Serrano Sequeira Baptista<sup>2</sup> publicadas no segundo volume desta edição. Apesar dos trinta e sete anos que medeiam entre a primeira edição e a presente, verificamos que grande parte dos registos nele contidos integram, ainda hoje, o reportório musical dos grupos de música popular tradicional da Terra de Miranda. Este Cancioneiro apresenta-se estruturado em vários temas, nomeadamente: música popular e religiosa, dança e coreografia, com fortes entrosamentos em temas como a poesia as canções dos serões, dos fiadouros, das mondas, das ceifas, das trilhas, dos cardadores e de embalar. Trata-se de um levantamento que versa sobre o riquíssimo campo do património imaterial mirandês, em referência no seu Cancioneiro tradicional, cabendo-lhe a capacidade de nos transportar para um contexto cultural e linguístico através da voz de homens e mulheres desta região, que nos remetem para vivências e modos de vida que espacialmente e temporalmente evocam o *tempo longo*<sup>3</sup> da Terra de Miranda.

António Maria Mourinho era um homem atento à cultura da região, às atitudes e aos modos de viver neste território. Era sua convicção que as características próprias e resultantes da convergência de um conjunto de fatores físicos e humanos dotavam esta região de uma singularidade cultural. Por tal, consideramos que a publicação destas recolhas preserva e recupera a memória da tradição oral musical, fundamental para a manutenção da cultura popular.

Deste modo, é graças ao Projeto Territórios Musicais – TERMUS financiado pelo programa INTERREG V-A - POCTEP Espanha-Portugal, que se torna possível esta edição fac-similada do Cancioneiro mirandês, por ora repartido em dois volumes, cabendo simultaneamente

---

1. António Maria Mourinho (1917-1996), fundador do Museu da Terra de Miranda.

2. Serrano Baptista nasceu em Castelo de Vide a 21 de setembro de 1909. Licenciou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1933. Em 1937 toma posse para o desempenho das funções de Chefe da Secretaria Judicial da Comarca de Miranda do Douro.

3. Vd. Oliveira Baptista Fernando, *Declínio de um tempo longo*. In, O Voo do Arado, Brito, Joaquim Pais de, e outros (Cords.) Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 1996. 664 p.

nesta iniciativa a edição, também em fac-símile, realizada pelo Museo Etnográfico de Castilla y León de dois volumes do Cancioneiro de *Folklore Musical Zamorano* de Miguel Manzano Alonso. Trata-se de um projeto de cooperação transfronteiriça que acolhe como tema central a música de um espaço geográfico comum, designado coloquialmente por Raia-Raya, sendo a música o ponto que nos une e cujo objetivo se revê na recuperação, conservação e valorização do Património Material e Imaterial relacionado com a música tradicional e popular do Planalto Mirandês e da província de Zamora-Espanha.

Esta iniciativa é promovida pela Direção Regional de Cultura do Norte, através do Museu da Terra de Miranda e do Museo Etnográfico de Castilla y León, para além de reforçar os laços que unem Portugal e Espanha, abraça uma série de ações desenvolvidas no campo musical. Além disso, permite realizar uma recolha e levantamento sistemático no terreno, no sentido de difundir os testemunhos orais que preservem a solidez da memória sonora deste território e a sua diversidade cultural.

Acreditamos que este projeto vem ancorar uma visão mais abrangente do património musical no qual convergem tradição e modernidade: a tradição associada à memória e à herança cultural musical e a modernidade associada à normal evolução, adaptação e reinvenção das comunidades locais. Neste conspecto incluímos a edição destes dois volumes, considerando uma mais valia, quer para objetivação deste projeto, quer para sublinhar a importância da salvaguarda das memórias musicais e etnográficas da Terra de Miranda.

Na presente edição fac-similada foram assumidas ligeiras opções editoriais no sentido de uniformizar e harmonizar informações técnicas que se prendem com atualização de dados da publicação e imagem gráfica da capa. Por outro lado, desejamos que a curto prazo se concretize a publicação do terceiro volume do Cancioneiro, o qual incorporará uma outra fase de trabalho e recolhas musicais realizadas por António Mourinho nos anos noventa. Além de podermos concretizar este seu desejo pretendemos, ainda, que o terceiro volume venha completar um processo de trabalho no campo da música popular tradicional.

Por fim gostaríamos ainda de endereçar um especial agradecimento aos familiares e herdeiros de António Maria Mourinho, os quais gentilmente autorizaram a presente publicação e sem a qual não seria possível a sua realização.

Celina Bárbaro Pinto  
Diretora do Museu da Terra de Miranda

## DUAS PALAVRAS

Desde 1938, há 41 anos, muito já evoluíram os tempos, nas terras e nas pessoas. E muito evoluiu o Cancioneiro Mirandês na alma do povo, por morte do velho cancionero e substituição das músicas ligeiras de natureza pop ultramoderna de vida efémera.

O Rimance, a canção de embalar, a canção das mondas, a canção dos fiadouros mantiveram-se permanentemente, por séculos, porque tinham a sua época no ano e a sua aplicação na hora do trabalho doméstico ou campestre agro-pecuário, e este não mudava.

Repetia-se todos os anos, a vida era a mesma, repetia-se o fiadouro nas noites de Outono, a carda das lãs na mesma época e aí vinham as mesmas canções a acompanhar o trabalho:

*«Cardai, cardicas, cardai,  
Lhana pa-los cobertores;  
Que las pulgas stã prenhasadas,  
Bã a parir cardadores».* Arrumaram-se as cardas.

Repetiam-se as mondas, hoje não se monda o trigo, deserba-se com herbicida, já os ranchos de mondadeiras não vão para o campo, não se cantam as suas cantigas e caíram em desuso.

Repetiam-se ao calor tórrido do sol as canções das ceifas, das segadas, essas canções de notas arreversadas amoldadas a rimances seculares, como o «Alta vai a lua alta», ou «Já lá vem nascendo o sol» e ceifava-se à «Stai» ou à «sucada». A debulhadora mecânica e ceifeira debulhadora terminaram e arrumaram as fources milenárias e as canções com elas.

Recordamo-las aqui, esses arreversos que parecem canto gregoriano; Kurth Schindeer em Vinhais e Serrano Baptista em Miranda do Douro ou melhor, em Malhadas, transpôs em notas musicais essas canções; e nas almas já tudo morreu, alguma velha ou velho de mais de 60 anos reminiscência tardia desses cantos que mais pareciam Toadas Sacras que canções protanas. Como quer que seja, a alma funda das gerações vivia nas manhãs quentes de Julho em plena seara madura, vivia essas noites de Outono pelos cantos e cabanais nos fiadouros e nos longos serões de Inverno às lareiras das famílias numerosas dos mirandeses.

Vivia, mas já se estiolou, e se alguns pareciam cantos sacros, aquilo que nós hoje chamamos folclore, fazia parte da vida e essa vida era religiosa, do

berço ao túmulo, do lar ao campo, e do campo à Igreja. Não nos admiremos pois que essas toadas assim como as letras tenham esse quê de fundo religioso.

Permanecem todavia alguns cantos de Natal, das Almas, da Paixão, da Páscoa... porque se cantam (onde se cantam) ainda nas Igrejas e o tempo Sagrado se repete ainda em algumas lareiras e nas Igrejas mais conservadoras, que o povo revive tornando estes Tempos Sagrados do ano com tempos presentes em casa e na Igreja que são lugares que permanecem.

Eram também tempos presentes as horas dos cardadores nos lugares e nos cabanais mirandeses para preparar a lã, das espadeladas, das ceifas já citadas.

No seguimento de Rodney Gallop que recolheu nos «Cantares Portugueses» algumas canções mirandesas, este seu contemporâneo Serrano Baptista deixa aos Mirandeses e a Portugal mais um punhado de Canções Populares Mirandesas para que digamos que nem tudo morreu de vez.

São 67 canções populares que o Dr. Serrano Baptista alentejano de origem que na década de 30 viveu em Miranda do Douro como Chefe da Secretaria do Tribunal Judicial desta comarca recolheu.

Estas canções a mim não me dão novidade, pois conheço-as quase todas e as cantei e ouvi cantar por essa época em que eu estava nos meus dezoito anos e ainda se faziam fiadouros com toda a pujança e espontaneidade.

Os velhos rimances, os cânticos religiosos do Natal que ainda hoje perduram nesta quadra, cantados nos lares e nas Igrejas, os reis e o encomendar das almas. (Este último vai já esquecido). As canções coreográficas, algumas em jogos de roda que já esqueceram; os Reis Pretos que eram restos de uma representação pastoril do Natal, assim como «*Ó vós que vindes de Belém com alegria!*» — (Daqui a expressão depreciativa que ainda por aqui perdura e que teve muita voga não sei o motivo, «*Aquela também é das que bailam em Belém!*»). «*As Abas Verdes*» ou as «*Ligas Verdes*» que chegaram aos nossos dias. Depois também os lhaços dos pauliteiros: são 31 danças, o maior número de lhaços de pauliteiros até hoje musicado.

Na Vária, vem o rimance do «*Cego Fingido*», o «*Adeus a Miranda*» e as canções dos fiadouros, terminando pela «*Canção do Velho*».

Este original foi-me posto na mão pelo Dr. Carlos Lopes Cardoso para que eu lhe desse o descabo que entendesse.

Deixemos que Serrano Baptista apresente o seu trabalho.

Miranda do Douro, 14/3/86

**António Maria Mourinho**



# CANCIONEIRO MIRANDÊS

1938

DE

*SERRANO BAPTISTA*

*DEDICATÓRIA:*

*ÀS GENTES MIRANDESAS QUE JÁ  
SE FORAM E NOS LEGARAM ESTE  
PATRIMÓNIO MUSICAL.*

## PRÓLOGO

A região mirandesa oferece ao folclorista um duplo motivo de curiosidade investigadora: o musical e o linguístico. Isolada até há bem poucos anos do resto do país e mantendo, em contra-partida, estreitas relações com a vizinha Espanha, a Terra de Miranda vem de há séculos sentindo nos seus costumes, na sua música e principalmente no seu dialecto a influência poderosa dos costumes, música e língua castelhana.

\*\*\*

Na classificação das canções não segui outro método que não fosse o já adoptado em trabalhos congêneres. Assim e de harmonia com a sua natureza, agrupei os cantares em: Romanceiro, Canções Religiosas, Canções Coreográficas e Vária.

A colocação dos «lhaços» aos pauliteiros num plano distinto em relação ás demais canções coreográficas, tem a sua razão nas características especialíssimas desses cantares.

\*\*\*

Tentei a notação, tanto quanto possível fiel, da letra como da música; nessa constante preocupação de fidelidade, reside o único valor deste livro.

O trabalho de notação musical tornou-se, por vezes, extremamente difícil, pois certas canções, v.g. as que se cantam pela segada e que, afinal, constituem quasi o capítulo do Romanceiro, têm características idênticas ás espanholas da «trilha» e da «arada»: «forma libre que escapa a cualquier intento de regularización metronómica» —<sup>(1)</sup>

Na reprodução dos têrmos dialecticos adoptei, com J. Leite de Vasconcellos —<sup>(2)</sup> — a ortografia fonética em referência á portuguesa.<sup>(3)</sup>

(1) CHAVARRI — Música popular española — Ed. Labor — pag. 97.

(2) J. LEITE DE VASCONCELLOS — O Dialecto Mirandez, pag. 12

(3) Ver conclusão final.

Cabe aqui, dirigida aos filólogos, uma advertência que é ao mesmo tempo uma satisfação: vai certamente causar estranheza a dissemelhança entre a forma gráfica de certos vocabulos mirandeses e aquela que outros autores lhes deram nos seus trabalhos. A advertência destina-se a evitar «ohs!» de espanto, dado que mêio século bastou para que dois fenómenos pudessem produzir-se: obliteração quási total do dialecto em Miranda — (Cidade) — e a adulteração fonética de alguns vocabulos.

\*\*\*

Como acima fica escrito, não pretende êste trabalho impôr-se por si, mas tão sómente servir de elemento de estudo aos que no nosso país têm obrigação de tratar a sério um assunto que sobremaneira interessa a cultura nacional.

Ele aí fica pequenino e insignificante grão de areia, porventura aproveitável na construção do edificio grandioso do folclore musical português.

*SERRANO BAPTISTA*

## BREVES EXPLICAÇÕES

	Pág.
Duas Palavras .....	5
Prólogo .....	11
Índice .....	13

### ROMANCEIRO

Dona Beatriç .....	(Constantim)	17
Conde Flôres .....	(Malhadas)	18
Conde Flôres .....	(Cércio)	19
Romeira .....	(Malhadas)	20
Helena .....	(Malhadas)	21
O Conde Ricardo .....	(Malhadas)	22
Dona Ougénha .....	(Malhadas)	23
Don Rodrigo .....	(Malhadas)	24
Aita bai la lhuna .....	(Malhadas)	25
Lexandre .....	(Malhadas)	26
La serena de lá noche .....	(Constantim)	27
Antre canas e canicas .....	(Miranda)	28
Donha Flumênia .....	(Malhadas)	29
Tristes nôbas .....	(Cércio)	30
Tristes nôbas .....	(Malhadas)	30
Manhana de San Joan .....	(Malhadas)	31
Manhana de São João .....	(Miranda)	32

### RELIGIOSAS

Reis .....	(Miranda)	35
Reis .....	(Malhadas)	36
Beijai o Menino .....	(Miranda)	37
Gólgota .....	(Constantim)	38
Encomendação das almas .....	(Miranda)	39

### COREOGRÁFICAS

Apanhai, apanhadeiras .....	(Cércio)	43
Oliveiras do pé d' ouro .....	(Cércio)	44
Ó Menina Aurora .....	(Prado Gatão)	45
Ó Melindra .....	(Cércio)	46
José quero .....	(Prado Gatão)	47
Reis pretos .....	(Miranda)	48
Habas bérdes .....	(Cércio)	51
Bou-me daqui .....	(Miranda)	52

## LHAÇOS

El toro .....	(Cércio)	55
Primabêra .....	(Cércio)	56
Las rosas .....	(Cércio)	57
Los puentes .....	(Cércio)	58
Maridito .....	(Constantim)	59
El jardim .....	(Constantim)	60
Caballero .....	(Constantim)	61
Bôlticas.....	(Constantim)	62
La yerba .....	(Constantim)	63
Don Rodrigo .....	(Constantim)	64
Liebre .....	(Cércio)	65
Palombas .....	(Cércio)	66
Villano de Zamora .....	(Cércio)	67
La china .....	(Cércio)	68
Caballero .....	(Cércio)	69
Perdigón .....	(Malhadas)	70
Canário .....	(Cércio)	71
La Pimenta .....	(Malhadas)	72
La çaramontaina .....	(Cércio)	73
La bitcha .....	(Cércio)	74
La bitcha .....	(Malhadas)	75
Mirondum .....	(Cércio)	76
Acto de Contricção .....	(Cércio)	77
Anramada .....	(Cércio)	78
Oufícios .....	(Cércio)	79
Oufícios .....	(Constantim)	80
Campanitas de Toledo .....	(Cércio)	81
Padre d' Antôho .....	(Cércio)	82
La bérde .....	(Cércio)	83
Carrascal .....	(Cércio)	84

## VÁRIA

O Cego Fingido .....	(Constantim)	87
Adeus a Miranda .....	(Miranda)	88
Fiadouro .....	(Malhadas)	89
Fiadouro .....	(Malhadas)	90
Fiadouro .....	(Constantim)	91
O Velho .....	(Constantim)	92
Notas .....		93
Nota Final — Conclusão .....		95

*ROMANCEIRO*  
(CANÇÕES DA SEGADA)





## DONA BEATRIÇ (1)

Moderatto (Recolhida em Constantim)

Ú --- a dan- -- ça s'ar- ma -- ba an Fran -- ça

Ou -- tra an Ba -- lha | do -- li Mui -- to bien que la dan --

-- ça -- ba lê -- ra Do -- na Be -- a --- triç

## DONA BEATRIÇ

Úa dança s armaba à França  
 Outra à Balhadoli  
 Muito biê que la dançaba  
 Era dona Beatriç  
 Muito biê que la miraba  
 Era l Cond Dôu Luis.  
 — Que fazeis aí à Conde  
 Que fazeis bós aí?  
 Se bênes pur ber la dança,  
 O bênes pur ber-me a mi?  
 — Nũ bengo pur ber la dança  
 Q'outras melhores yá bi,  
 Só bengo pur bé' l tóu corpo  
 Tã galano i tá gentil.  
 Nũ fura pur serdes casada,  
 Nũ bos ecapábades de mi.  
 — Mas casada o soiteira,  
 Conde, lhebai-me deiqui.  
 Miu marido yá yé bielho,  
 Yá nũ sirbe para mi.  
 Chubiu-se no sóu cabalho,  
 Lhõugo la sacou deilli.

Alhá no meio del camino,  
 Sõu marido b'niê eilhi.  
 — Que lhebais aí à Conde  
 Conde que lhebais aí?...  
 O lhebais dama roubada,  
 O criada de serbir!  
 — Nũ lhibo dama roubada  
 Niê criada de serbir.  
 Lhibo úa pastorica,  
 Q'yõu ancüntrei a drumir,  
 — Stando nestas rezones,  
 Se le caiu ù tchapin.  
 — Esse tchapin à Conde,  
 Purmeiro serbiu-me a mi;  
 La dama q'ende lhebais  
 Lhebai-la pur esta noite,  
 Manhãna trazei-m' la eiqui.  
 Lhougo montou no cabalho,  
 Cu la dona Biatriç.  
 Lhebõu-la no mês de Maio,  
 Truxe-la no mês d'Abril.

## CUONDE FLÓRES (2)

Larghetto

(Recolhido em Maihadas)



### EL CONDE FLORES

*Yá se fúi el Conde Flores  
 Pa la guerra a guerrear  
 Quinze anhos alhá andubo  
 Sié la casa le lhembrar.  
 Al cabo de quinze anhos  
 Dõu la casa ã le lhembrar:  
 — Ora adíus miú capitã,  
 Ora adíus miú general!  
 Deixei la dama casada,  
 Biuda la bõu atchar.  
 Áia, Áia! mius criados,  
 Debrebe i nó debagar!  
 La jornada de quinze anhos,  
 ã três meses s'ha-de andar!  
 Aparelhai los cabalhos,  
 Apertai los peitorales.  
 Alhá ne meio del camino,  
 Ancuntrórũ ùa bacada.  
 Tchamórũ pur 'l pastor  
 I arrespundiũ ù zagal.  
 — De quie yé essa bacada  
 Q' anda no balle a pastar? <sup>(1)</sup>  
 Era del Conde Flores  
 Que se fúi a guerrear;  
 Agora yé de Doũ Francisco,  
 Se Díus la deixar lograr.  
 — Áia! Áia! mius criados  
 De brebe innó de bagar,  
 La jornada de três meses  
 ã três díes se há-de andar!  
 Mais adelandre al camino  
 Ancũtrórũ ùa carneirada;*

*Tchamórũ por el pastor  
 I arrespundiũ ù zagal.  
 — De quíe yé la carneirada,  
 Q' anda no monte a marear?  
 — Era del Conde Flores  
 Que se fúi a guerrear;  
 Agora yé de Dõu Francisco  
 Se Díus la deixar lograr.  
 — Áia! Áia! mius criados!  
 Debrebe i nó debagar!  
 Hoije hemos de dar antrada,  
 No miú palácio real.  
 — Quié será este senhor  
 que trái fõrte passear?  
 — Sõu bõsso filho, mié mái,  
 El esposo de Guiomar.  
 — Se bós sõdes el miu filho  
 ùa seínha m' heis-de dar:  
 — Si bos la derei mié mái  
 Q'inda tengo pa la dar!  
 Onde teneis la mié spada  
 Cũ que yõu iba a batalhar?  
 — Essa spada, miu senhor,  
 ã arrecado ha-de 'star.  
 Se bós sõdes el miu filho,  
 Outra seínha m' heis-de dar:  
 — Si bos la darei, mié mái,  
 Q'inda tengo pa la dar!  
 Dezí-m' ende bós mié mái,  
 Onde stá la Guiomar?  
 — Manhana le fá las bodas, <sup>(2)</sup>  
 E hoije dõu el jantar.*

(1) Em mirandês «pastar» é «pacêr». Vê-se que a versão mirandesa é forçada e a transmissão oral deve ter sido feita em português.

(2) «Fá» — forma arcaica de *faz*.

— Dai-me licença mie mái,  
 D' ir al palácio real!  
 — Yôu nũ te la dôu miú filho,  
 Porque te pôde matar!  
 Nũ me matará, miê mái,  
 Q' yôu hei-d l saber falar.  
 — Díus bos guarde, mius senhores!  
 Q' bos aprobeite el jantar!  
 — Qiê será este senhor,  
 Que tâ biê sabe falar?  
 — Yôu sôu el Conde Flores,  
 El eposo de Guiomar.  
 — Se bós sôdes el miú esposo,  
 Ūa sêinha m' heis-de dar!  
 — Si t' la darei 'sposa mie  
 Q' inda tengo pa te la dar:  
 — Onde tenes las pulseiras d' ouro  
 Que miu pai te fui comprar?  
 — Essas pulseiras, senhor,  
 Â arrecado hã-de 'star.

— Se bós sôdes el miú 'sposo,  
 Outra sêinha m' heis-de dar:  
 — Si t' la darei sposa mie,  
 Q' inda tengo pa t' la dar;  
 — Ode tenes el relojjo  
 Que yôu te dei pa guardar?  
 — Yá chega biê amor miu,  
 Yá chega biê de falar:  
 Dá-me acá esses tóus braços,  
 Que te quiêro abraçar!...  
 Lhebantôu-se Dôû Francisco,  
 Depriessa y nõu debagar,  
 — Los amores d' algũ tiêmpo  
 Sôu custosos de deixar!...  
 — Alto! alto! mius criados,  
 Depriêssa i nó debagar,  
 Matai-me yá Dôû Francisco,  
 Tratai de m' lo degolar!  
 Cûprirũ el sôu mandado,  
 Puis yá pôde descansar!...

## CONDE FLÓRES

Largh.º

(Variante de Cércio)

The musical score consists of two staves of music in a single system. The first staff begins with a treble clef and a common time signature. The melody is written on a five-line staff. Below the staff, the lyrics are written in a stylized font: "Yá se fúe l! Cuon --- de Fló----- res e". The second staff continues the melody, with lyrics "Pa la guêrra a guerre----- ar". The music features various note values, including quarter and eighth notes, and rests. There are some decorative flourishes and a fermata-like symbol over the final notes of the second staff.

### ROMEIRA (3)

*Pur aquêilhes campos berdes,  
Linda romeira benê.  
Cabalheiro bai trás deilha,  
alcançá-la nū podié.  
Agarrôu-la descansando,  
Debaixo de la berde ouliva;  
Cabalheiro cumo malo  
D' amores la pretendie  
I êilha cumo discreta,  
Dezie-le que nū querie.  
Botôru-se braço a braço,  
Para ber qual mais podie,  
Romeira cum' era mais fraca,  
Lhõugo pur baixo caie.  
Yôu te pido cabalheiro,  
Pur Díus i la Birge Marie,  
Que me deixes ir donzeilha,  
A cumprir la Romarie!  
Cabalheiro, cumo malo,  
Dezie-le que nū querie.  
Eilha puxou pul alfange (punhal)  
Que l cabalheiro trazie;  
I spetou-lo pur ũ lhado  
I al coraçõũ le salie  
— Yôu te pido, a romeira,  
Pur Díus i la Birge Marie,  
Que nū digas na tũe tũerra,  
I niê t' agabes na mie  
Que mateste ũ cabalheiro  
Cu las armas q' él trazié.  
Si lo digo an la tũe tũerra,  
Tamiê m' agabo an la miê,  
Que matei ũ cabalheiro  
Cũ las mamas q' él trazié.*

---

Nota do Autor — Esta canção, bem como as seis que se seguem, é cantada com a música do «Conde Flores» — (Malhadas).

#### HEILENA (4)

— *Purque nū cantas Heilena  
A la s' lombra d' la nozeira?*  
— *Purque yá miu pai yé môrto,  
Miu marido anda na guerra. (1)*  
— *Quanto dabas tu Heilena,  
A quiê eiqui tel lo traíra?*  
— *Yôu dába-l ûa bacada  
Que anda naquêilha sierra.*  
— *Que dariês tu mais Heilena  
A quiê eiqui te lo traíra?*  
*De três molíedas que tengo,  
Darié-bos la que bós queijirades;  
Ûa yé pa moler crabo  
Outra de crabo i canela  
Outra de moler pã albo  
Para l reino de Castiélha.*  
— *Que daríes tu mais à Heilena,  
A quiê aiqui te lo trazira?*  
— *De las três filhas que tengo  
Dariê la que bós queijirades.  
Las tûes filhas à Heilena,  
Nū me sirbê para mí.  
Só me sirbe esse tou côrpo,  
Tã galano i tã gentil.*  
— *Alto! alto! mius criados,  
Depriessa y nó debagar,  
Prendei-me esse brégeiro,  
Pur jardim yá a arrastrar.*  
— *Nū tchames los tös criados,  
Que me pertencê a mí;  
Q' yôu cûtigo reparti?  
Bai a buscar la tûe metade,  
Pus la mié bê-la eiqui.*

---

(1) «El miu tíu», «El miu home» são termos mais mirandeses do que «miu marido» que já é erudito

## O CONDE RICARDO (5)

*Preso bai o conde, preso  
Preso bai o bom Ricardo  
Não bai preso por ladrão  
Nem por ser home malvado  
Por dormir c'uma donzela  
Caminho de São Tiago,  
E não bondou zombar dela  
Senão dá-la a seu criado.  
Ela como discreta  
A seu pai se foi queixar  
Seu pai le deu um conselho  
Nem melhor podia dar:  
— Ou hás-de casar com ela  
Ou hás-de ser degolado.  
— Mais quero morrer com honra  
Do que casar desgraçado  
Se eu morrer enterrai-me  
Onde paste o meu cabalo.  
Passaram ali três donzelas  
Todas três de braço dado  
Dizia uma: Oh, meu filho!  
Outra: oh, meu namorado!  
A mais pequenina delas:  
Aqui 'stá um desgraçado.*

## DONA OUGÉNHA (6)

*Abaixa-t' á cabalheiro,  
Que hemos de merandar.  
— Tu que tenes, Dona Ougénha,  
Guardado para me dar?  
— Tengo bino de siéte anhos  
Guardado para te dar.  
Alhá no meio d' la bobida,  
Ampeçou-s' a ogoniar.  
— Dona Ougénha, Dona Ougénha,  
Que boteste nesta bino?  
— Botei-l' unto de quelóbra,  
I ù resalgar molido.  
— Tengo l cabalho na reáta,  
Yá nũ b'eio l miu rocino.  
Cuitadicos dels mius filhos  
Que quedórũ siê arrimo!  
Cuitadiça de miê mulhiêr  
Que queda siê sôu marido!  
— Pa que sabas cabalheiro,  
Lo que teniês purmetido:  
Palabra de casamento  
Muito biê ancubrido.*

## DOM RODRIGO

No Maio, era no Maio,  
Pul tiêmpo de primavera,  
Quando l rei Dôu Rodrigo,  
Triste soldado era.  
— Que tênes triste soldado  
Que tâ triste andas na guerra?  
Casadiço de três diés,  
Deixei la dama donzela.  
— Apareilha tôu cabalho  
l bai a ber la tûe tíerra!  
Alhá no meio del caminho,  
Ancuntru u probeziço:  
— Onde bás, triste soldado,  
Onde bás, triste de tí?  
— Bôu a ber la miê dama,  
Muitos diés hai q' nû la bí.  
— La tûe dama yá yê môrta,  
Yê môrta, q' yôu bié la bí.  
Las sêinhas q' êilha lhebaba,

Yôu t' las dôu agora êiqui:  
Lhebaba einauga de seda  
Y û colete carmesim,  
Y l sôu pelo antrançado,  
Q' eilha lo pediu assi.  
A la antrada del palácio,  
Lhôugo l d'ou û grimezim; (1)  
— Se tu sós la mie amada,  
Porque nû t' abraças a mí?  
— Los braços cû q' t' abraçaba,  
Yá nû los tengo eiqui.  
La boca cû q' te beisaba,  
Yá de tíerra la anchi.  
Miu amor se te casares,  
Cása-t' â Balhadolí,  
Cu la filha del sparteiro,  
Que le chamã cum' a mí;  
Quando chamares pur êilha,  
Pa te lhembreres de mí. (2)

(1) «grimezim» quererá dizer «grima», medo, susto: «Grimezim», será em mirandês um derivado de «grima»: «Dou-me grima», quer dizer: dou-me medo, susto, quase pavor.

(2) Esta versão do «D. Fernando» é mais uma, das muitas que se ouvem em Trás-os-Montes, nas Beiras, nos Açores e na Madeira. O Doutor Manuel da Costa Fontes, no seu «Romanceiro do Canadá». Coimbra, 1979, transcreve 12 versões diferentes, sendo quatro de pessoas do concelho de Miranda do Douro, (Aldeia Nova, Duas Igrejas, Valde-Mira, Gabaratos) e as restantes da Beira Litoral, dos Açores e da Madeira. Op. cit. pp. 45-50, n. os 54-62. X, com o título geral de «O Quintado», se dermos crédito ao significado que lhe dão os espanhóis o que vai a «Quinta» é o que vai para soldado, o que entra na vida militar: — Ver nossa versão de «D. Fernando», no I vol. do Cancioneiro Mirandês tradicional, 1984, pp. 138-140, n.º 42.



## ALTA BAI LA LHUNA, ALTA, (7)

*Alta bai la lhuna, alta,  
Mais q' el sol al meio diê,  
Mais alta bai la Senhora,  
Quando pa Belém partíe.  
Sã José iba atrás d'êilha,  
Agarrá-la nũ podíe.  
Fúi a agarrá-la ã Belém  
Aonde staba a parir.  
Era Tanta sũe probeza  
Que niê ù coleiro habiê.  
Botõu las manos a la cabeça  
Al béu q' êilha trazíe.  
I pegõu nũas tejeiras  
À três tiras lo partíe:  
Ûa pa pula manhana,  
Outra pa lo meio die,  
I, na mais pequinha d'êilhas  
El sõu Jasus ambolbiê.  
Beixõu ù anjo del ciêlo;  
Cantando l' Ave Mariá;  
Perguntõu-le el Padre eterno  
— Cumo quedõu la parida?  
La parida quedõu bõna,  
Só nũ queda arrecollida!  
Mandou-lê fazer ùa tórre  
D'la mais alta marabilha;  
Sã Joã apanha piêdra  
Sã Joã la componiê;  
Sã José era lo mestre  
D' la obra q' alhi habiê.  
Las pôrtas erã de ouro  
Las jinelas de prata fina  
Antre la pôrta i la armela  
Onze mil anjos habiê. (1)*

---

(1) Muito frequente em Terra de Miranda.

## LEXANDRE (8)

Adonde bás a' Lexandre,  
Adonde bás à arrieiro?  
Se bás a la romarié,  
Bamos dambos de companheiro.  
Nū rezamos el rosairo,  
Niê fazemos tal antento,  
Hemos de ir dando rezones,  
Pa nū perdermos el tiêpo.  
Mais alantre a ũ camino,  
Ancũtrórũ ũ arrieiro  
Lexandre cumo crestiano,  
Tirou lhougo lo sombreiro (chapeu);  
Quando oulhôu pa lo camino,  
Yá nū bíu lo cumpanheiro.  
Mais alantre a lo camino,  
Ancũtrou outro romeiro:  
— Que fais pur eiqui romeiro?  
— Yôu sôu cũfessor d' almas,  
Bôu pal santo Cordeiro.  
— Pa seres cũfessor d' almas,  
Tenes el côrpo múi negro.  
— Yê pul sol del berano,  
I pul auga de l' ambierno.  
— Tenes unhas múi cûpridas,  
I cû õilhas me fais miêdo.  
— Nunca hei cumprado çapatos,  
Niê paguei a çapateiro.  
— Trais lo rosairo siê cruç,  
I a todos faies miêdo.  
— Perdi la cruç pur el monte,  
No monte, sendo cabalheiro.  
— Bê eili lo Sã Miguel,  
Cula balança i lo peso!  
Arreda! arreda demonho,  
Bôu pa lo Santo Cordeiro  
I esta alma nū yê tûe,  
Yê del miu Dîus berdadeiro. <sup>(1)</sup>

---

(1) São muito raras as versões deste romance que em Espanha tem o título de «El Diablo Romero».

## LA SERENA DE LA NOCHE (9)

Larghetto



## LA SERENA DE LA NOCHE

*La serena de la noche,  
La clara de la mañana,  
El emperador de Roma  
Tiene una hija bastarda.  
Condes, duques la pretenden,  
Caballeros de gran fama,  
Ella como es muy bonita,  
A todos ponía falta.  
En día de mucha calma;  
Se assomó a la ventana;  
Vira andar tres segadores,  
Segando trigo y cebada.  
Se enamoró de uno dellos,  
Daqué que en el médio estaba.  
La hoce era de oro  
y el puño era de plata,  
Cada vez que daba el golpe,  
Légua y media relumbrada.  
— Quieres tu, buen segador,*

*Justar-me aqui, mi senara?  
— Su senara, señora,  
¿ que tierra está sembrada?...  
— Quieres tu, buen segador,  
Justar-me aqui mi senara?  
— Su senara señora,  
Para mi no fué sembrada.  
— Siega-la, buen segador,  
Que ella te será bien paga.*

*Cerca de la media noche,  
La Señora preguntaba:  
— Como te vái, segador,  
Como vás con tu senara?  
— Doce gabiellas he hecho,  
Trece con la empeçada.  
— Mal haya el segador  
Que a las trece no llegara.*

.....  
..... (1)

(1) Omitimos, por escabrosos, os dois últimos versos da poesia.

## ANTRE CANAS E CANICAS (10)

Moda

(Recolhida em Miranda)



## ANTRE CANAS E CANICAS (1)

Antre canas e canicas  
 Linda auga bai nacer  
 Menina que estais na fonte,  
 Querga-me dar de bober!  
 A púcara está cobrada  
 'stá tocada à  
 Oh quem tubira dal dita,  
 De dar auga a tal senhor!  
 — Teneis o corpo bem feito,  
 E as pernas assi serão?  
 Dai-me licença, menina,  
 Para ber se sim ou não;  
 — Licença bós a teneis,  
 Mas agora ainda não;  
 Não sei se sereis o home  
 Que me ha-de poner a mão.  
 — Eu à mão nun bo-la pongo.  
 Tão pouco bulo conbosco,  
 Solo em estar ao pé de bós,  
 Nisso lebo grande gosto.  
 — Se nisso lhebais grande gosto

Gostai por bias da bossa,  
 Esta rosa que eiqui 'stá,  
 É d'outro que não é bossa.  
 — Isso q'ria eu saber.  
 Já bou tchamar bosso pai,  
 Que bos benha a receber.  
 — O meu pai não é tchamado  
 Por cousa tão escusada,  
 Inda sou muito nóbica,  
 E nun sei governar casa.  
 — Outras mais nobas que bós  
 Governam casa e marido,  
 Quererieis bós casar comigo?  
 — Mais queria ser rosa branca  
 Posta naquele outeiro,  
 Doque ser enxubalhada  
 Pur tão reles cabalheiro,  
 — Mais q'ria ser crabo roixo,  
 Anxertado na raiz,  
 Que casar cuntigo, rosa  
 Que fuste de quem te quis.

(1) Este rimance é do mais rústico que se conhece. Recitado em português bem raçado do mirandês. É raro aparecer um texto tão mixto e tão claro. Já recolhido em 1938, ainda havia em Miranda, cidade, gente rústica, falando a linguagem herdada do mirandês, mas onde termos como «fonte», quem, bem, serão, bulo, que são puramente portugueses e existentes na cidade mas o resto da linguagem é puramente mirandesa e a mistura dá um maravilhoso exemplar de musicalidade e de expressão mixta.

## DONA FLUMÉNIA (11)

Moda

(Recolhida em Malhadas)

'stan — do la Do — na Flu — mênia 'stan — do > la Dona Flu —  
 — mê — — nia sen — ta — — di — — ca an su' bal — — — con senta —  
 — di — — ca an su' 'bal — — — — con

## DONA FLUMÉNIA

*'Stando la Dona Fluménia  
 Sentadiça ã sôu balcôu,  
 Passou eilhi ú soldado,  
 Pediu-le cumbersaçôu.  
 — Agora, agora, soldado  
 Agora q' yê ôucasiôu;  
 Miu marido fui a caça,  
 Pa los montes d' Aragôu.  
 Se tú quíes q' acá nû bôlba,  
 Bota'l' ûa maldiçôu:  
 Q' els côrbos le tîrê'ls ôlhos,  
 Las abes el coraçôu.  
 Tando naquêilhas palabras,  
 Sôu marido eilhi tchegôu:  
 — Tu que dizes à Fluménia,*

*Tu que dizes branca flor?  
 Tu stás bária d' los sentidos,  
 O tênes outros amores?  
 — Nû stôu bária de los sentidos  
 Niê tengo outros amores,  
 Só se perderã las tchabes  
 D' los mais altos corredores.  
 (1) — Quiê t' agarrara Fluménia,  
 Nûa praça biê queimada,  
 Cû siête carros de lhêinha  
 I outros siête de palha.  
 — Quiê t' agarrara, home miu,  
 Nûa sala ancaliada,  
 Cû siête padres ã bolta,  
 Dezindo-te, sale, sale!...*

(1) Daqui para a frente, esta outra parte é de outro rimance do mesmo tema da mulher infiel. (ver I vol. «Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas» pp.: 174-177, n.º 66. A letra é pouco diferente, mas o sentido é o mesmo.

Largo **TRISTES NUÓBAS (12)** (Recolhida em Cércio)

Tris - tes nuó - - bas tris - tes E nuó - bas Han be -  
ni - - do de Gra - na - - da Don Jo gra - - da

### TRISTES NOBAS

*Tristes nobas, tristes nobas  
Hã benido de Granada  
Dõu Juã 'staba dollête  
Pur bias de la súa dama.  
Mandórũ benir tres barbeiros  
De los q'habié ã Granada.  
Respundiu-le lo mais biêlho  
— Bõu darte-lo desanganhado;  
E três horas tẽ de bida,  
La meia yá bai passada:  
Úa yê de testamento,  
I fai biê pula tũe alma;  
Outra yê pal sacramento,  
Hora tâ biê ampeçada!  
Meia pa la despedida  
De la tũe querida dama.  
'stando nestas rezones,  
Yá súa mai eilhi chigaba:  
— Tu que tenes filho miu,  
À filho de la miê alma?!...  
— 'stõu dollête nesta cama,  
Mas a mi no me dól nada.*

*Mira se debes la honra  
a alguma moça honrada?  
— Debo-la a Dona Sabel  
Que la deixo despreziada.  
— Paga-la cul tõu dinheiro  
Que l dinheiro todo paga.  
Deixa-l trinta mil ducados,  
A ber's inda yê casada,  
stando nestas rezones,  
Dona Sabel que tchegaba  
Descalça ã pelo  
El sôu rostro alhumbrada!  
— Donde bênes à Sabel,  
Assí tâ despreziada?  
— Bengo de pedir a Dius,  
Que t' alhebante d' la cama.  
— Se deiqui m' alhebantara,  
La tũe frol yõu abangara!  
'Stando nestas rezones,  
Dõu Juâyã suspiraba,  
Antregando l' alma a Dius  
I a la Birge Sagrada.*

Moderatto **TRISTES NUÓBAS** (Variante de Malhadas)

Tristes nuóbas tristes nuó - bas Han benido o de Gra - - ná - - da  
Don Jo - an 'sta - ba do - - len - - te Por bias de la su' da - ma

## MANHANA DE SAN JOAN (13)

Langhetto (Recolhida em Malhadas)

Pu la ma -- nha -- na de San ,Joan

Ma -- nhana de l'albo -- ra -- da Ja -- sus Cris --

-- to se passei -- a Al redor' la fonte da -- ra

## MANHANA DE SÃ JUÃ <sup>(1)</sup>

*Pula panhana de Sã Juã,  
Manhana de l' alborada,  
Jasus Cristo se passeia  
Al redor d' la fônte clara.  
Pur sùe boca dezie  
Pur sùe boca falaba:  
— Esta água queda benta,  
La fônte queda sagrada.  
La ditosa d' la donzela,  
Que fúi alhá a buscar água,  
Ôbiu la filha de ù rei,  
D' altas torres onde 'staba,  
Bestiu bestidos de seda,  
Calçou çapatos de prata,*

*Pegou ânta câtara d' ôuro  
Fúi a la fônte pur água.  
Alhá no meio del camino.  
Cu la Birge se topara.  
Astrebiu-se a perguntá-le,  
Se había de ser casada;  
— Casadiça heis-de ser,  
Muito biê afortunada,  
Três filhos heis-de tener,  
Todos de capa i 'spada;  
Û será bispo de Roma,  
Outro cardeal à Braga,  
I lo mais pequinho deilhes  
Serbo d' la Birge Sagrada.*

(1) Este romance é o que em Terra de Bragança se chama «Manhaninha de S. João». É uma canção de segada e de expressão bem telórica.

## MANHANA DE SÃO JOÃO (14)

Andante (Recolhida em Miranda)

Manha -- na de São Jo -- á -- -- o Pe -- la ma -- nhã do al --  
bór Quan -- d'o trigo Quand'o trigo 'stá ba -- ga -- -- do E o  
vi -- -- nho 'stá em flór

## MANHANA DE SAN JOAN

*Manhana de Sã Joan  
Pela manhã do albór  
Quando o trigo está bagado  
E o binho está em flór;  
Todos os criados bão  
Bisitar o seu Senhór.  
Só eu sou triste, coitado,  
'stou aqui nesta prisão,  
Não sei quando é o dia,  
Nem quando arraiá o sol,  
Se não são três passarinhos  
Que se cantam no albór:  
Uma é a cotobia,  
Outro é o rouxinol,*

*Outra é a calhandrina  
Que é a que canta melhor.  
Numa manhã de geada,  
Matou-a um caçador.  
Deus te dê seu galardão!  
Se a mataste pela pluma,  
Não enchias um colchão.  
Se a mataste pela carne,  
Não pesaba um quarteirão.  
Mandaram-na abaluar,  
Por dois homens de rezão:  
Todo o seu corpinho junto,  
Puseram-no em meio tostão.*



*CANÇÕES RELIGIOSAS*



## REIS (15)

Andantino (Recolhida em Miranda)

São par -- ti -- dos do O -- ri -- en -- te Três reis que  
vão a -- do -- rar Três reis E que vão a -- do -- rar

*São partidos do Oriente  
Três reis que vão adorar — (bis)  
A Jesus Omnipotente  
Com devoção singular.*

*Os três reis, como eram Santos  
Seu caminho iam seguindo  
Guiados por uma 'strela  
Até chegarem ao Menino.*

*À entrada de Belém  
A estrela se parou,  
Lá detrás de uma cabana  
Deus-Menino se assomou:*

*A cabana era pequena  
Não cabiam todos três  
Adoravam o Menino  
Cada um por sua vez.*

*Un l' of'recia ouro  
Outro incenso e mirra  
Outro l' of'recia cera  
Com que a missa se dizia.*

*Se nos quereis dar os reis  
Empeçai-os a talhar  
Somos de terras de longe.  
Temos jornadas que andar.*

*Esta casa é forrada  
Por de dentro e por de fora  
Ela viva muitos anos  
A gente que nela mora.*

*Esta casa é forrada  
Tem o assento de vidro  
Ela viva muitos anos,  
A mulher com seu marido.*

*Viva lá o Sr. ....  
Que bem le fica o capote  
Quando vai para a igreja  
Parece a 'strela do norte.*

*Viva lá o Sr.....  
Que bem le fica o chapéu  
Quando vai para a igreja  
Parece um anjo do Céu.*

*Viva lá a Sr.ª .....  
Cara de leite coado  
Quando se chega á janela  
Fica o sol anuviado.*

*Esta vai por despedida  
Par cima da salsa crua  
Viva lá o Sr.....  
Que é a alegria da rua.*

## REIS

Allegro (Recolhida em Malhadas)

Ó de ca -- sa no -- bre gente Ó mi -- nha Lu -- i -- sa S' es --

- cu -- tar -- des, ou -- bi -- -- reis Ó mi -- -- nha Lu -- i -- -- sa Minha Lu -- i -- --

repetição Fim

si -- -- nha U -- si -- -- nha

Ó da casa, nobre gente  
 Ó minha Luisa!  
 S' escutardes, oubireis  
 Ó minha Luisa!  
 Minha Luisinha!  
 Uma nobre mocidade  
 Ó minha Luisa!  
 Que bos ben cantar os reis  
 Ó minha Luisa,  
 Minha Luisinha

Que bos ben cantar os reis  
 De noite, pela geada,  
 Certo é que quer' porbar  
 Um torresmo da barbada

Quem bos ben cantar os reis  
 De noite, pelos lodeiros,  
 Certo é que quer' porbar  
 Das languiças do fumeiro.

Quem bos ben cantar os reis  
 De noite, pelo escuro,  
 Certo é que quer' porbar  
 Do bossosinho maduro.

Os três reis já ban cantados  
 E bou já para a chacota,  
 Os criados que lá tendes  
 Maindai-mos abrir a porta.

## BEIJAI O MENINO (16)



Bei — — jai o Me — ni — no Bei — — jai — o a — — gora Bei — jai — o Me —



ni — no De Nos — sa Se — nhora To — dos os pastores que veem de Be —



tem De ber o Me — — nino que a ;Senhora tem Rei — tem

*Beijai o Menino  
Beijai-o agora  
Beija o Menino  
De Nossa Senhora*

### CORO

*Todos os Pastóres  
Que veem de Belém  
De ber o Menino  
Que a Senhora tem.*

*Beijai o Menino  
Beijai-o no pé  
Beijai o Menino  
Que é de São José.*

*Beijai o Menino  
Beijai-o na mão  
Beijai o Menino  
Que é de São João.*

*Os filhos dos homens  
Em berços dourados  
E bós, meu Menino  
Em palhas deitado.*

*Em palhas deitado  
Em palhas quecido  
Filho d' uma rosa  
Dum cravo nacido.*

*Os filhos dos Homens  
En bós cobretóres  
E bós, meu Menino,  
Gemendo com dóres.*

*Os filhos dos homens  
En bós travesseiros  
E bós, meu Menino,  
Preso a um madeiro.*

## GÓLGOTA (17) <sup>(1)</sup>

Modo (Recolhida em Constantin.)

Ho-je é di-a dos mor-tais B. que be--  
-reit re-pre-sen-tar Os mis-té-rios mais di-  
-ti-nos que de-be-mos a-do-rar

*Hoje é dia dos mortais  
Em que bereis representar  
Os mistérios mais dibinos  
Que devemos adorar*

*O mundo se alegra já  
Porque foi hoje concebido  
O Redentor da Fé  
E depressa será necido.*

*Beni, reis do Oriente,  
Beni, beni adorar  
Se Jesus Cristo é nacido  
Tchegai-o a bisitar.*

*Beni, reis do Oriente,  
Beni, beni adorar  
Guiados por ùa estrela  
Até a Belém tchegar.*

*Jesuç, libra-te d'Herodes  
Ao Egito bai habitar,  
Porque ele já te busca  
Para te poder matar.*

*Descansa, amigo José,  
Com tua 'sposa Maria,  
Tu nunca tengas miêdo  
Qu'ela é boa companhia. <sup>(2)</sup>*

(1) Cantada antes do «quelóquio» da Paixão. (?) — Nota do Autor.

(2) Mas as quadras que são feitas ingenuamente por populares de Constantin referem-se mas é ao Nascimento de Jesus, ou terá havido equívoco. Por isso o título «Gólgota» é indevido.

## ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS (18)

Larghetto (Recolhido em Miranda)

Á por--ta das al--mas san-----tas Bal--te

De-us Ba-----te Deus a tô-----da a ho-----ra

The image shows two staves of musical notation in a single system. The first staff begins with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The tempo is marked 'Larghetto'. The music consists of a series of notes, some with slurs and ties. The lyrics 'Á por--ta das al--mas san-----tas Bal--te' are written below the first staff. The second staff continues the melody with similar notation and lyrics 'De-us Ba-----te Deus a tô-----da a ho-----ra'.

*Á porta das almas santas  
Bate Deus a tôda a hora,  
As almas lhe responderam:  
— ó meu Deus, que qu'reis agora?*

*— Quero que deixeis o mundo  
E que venhais para a glória  
Na companhia dos anjos  
Da Virgem Nossa Senhora.*

*Pecador's que 'stais dormindo  
Na torpeza do pecado,  
Olhai lá, não amanheça (Sic.)  
No inferno, sepultados.*

*Pecador's que 'stais dormindo,  
Acordai, não durmais mais,  
Olhai que vos 'stão chamando  
As almas dos vossos pais.*

*Que vos deixaram os bens  
E deles não vos lembrais,  
Lembraí-vos c'um Padre-Nosso,  
Já que não possa ser mais.*





## *COREOGRÁFICAS*



## APANHAÍ APANHADEIRAS

Moda (Recolhida em Cêrcio)

A - pa - nhai, a - pa - nhadeiras Bare - jai, bareja - - - do - res

Quanta azeito - na, se per - de Nos o - li - - bais dos a - mó - - res

*Apanhai, apanhadeiras,  
Barejai barejadores,  
Quanta azeitona se perde  
Nos olibais dos amôres.*

*Bamo-nos d'aqui, que é noite,  
Seja de noite, que não,  
Para mim sempre é de noite,  
Dentro do meu coração.*

*Quero cantar, quero rir  
Imentes solteira fôr  
E depois de casadinha  
Ser fiel ao meu amôr.*

*Tenho um amôr, tenho dois,  
Tenho três, não quero mais,  
P'ra que é quero os amôres  
Se êles não me são leais?*

## OLIVEIRA DO PÉ D'OURO

Moda (Recolhida em Cércio)

O -- li -- veira do pé d'ou -- ro dei -- ta ga -- lha -- das de

1.ª 2.ª

prata . O -- prata Só te pi -- do meu a -- mor Que que m' es

1.ª 2.ª

cre -- vas u -- ma carta Só te carta

*Oliveira do pé d'ouro  
Deita gahadas de prata  
Só te pido, meu amor,  
Que m' escrevas uma carta.*

*A carta que eu te escreva  
Sai-me da palma da mão,  
A tinta sai-me dos olhos  
A pena do coração.*

*No alto daquela serra  
Onde se tece a cambraia  
Quem 'stá limpo não se suja  
Antes que na terra caia.*

*Da minha janela bêjo  
A Senhora da Saúde  
Que te tire do sentido  
Quem me quis lograr não pude.*

*Ripai a folha ao olmo  
'scutai bem o que ela diz  
Ninguém se finte nos homens  
Sem serem seus de raiz.*

*A fôlha do olmo branco  
Parece uma tenda armada  
Bem o vento bira a fôlha  
Fica a tenda desarmada.*

*Meu amor, se bires cair  
Fôlhas berdes na baranda  
Olha que são suidades  
Que o meu coração te manda.*

## Ó MENINA AURORA (19)

Andantino

(Recolhido em Prado Gaúto)



Tenho cinco ré -- is Ao la -- do ao la -- do



Ó me -- ni -- na Auro -- ra p'ra o meu na -- rado

### Ó MENINA AURORA

*Tenho cinco réis  
Ao lado, ao lado  
Tenho cinco réis  
P'ra o meu namorado.*

*Tenho cinco réis  
Ao lado sequerdo  
Ó menina Aurora,  
Não pôdo 'star quêdo.*

*Não pôdo 'star quêdo  
Não pôdo, não, não  
Ó menina Aurora  
Dê-me a sua mão.*

*Dê-me a sua mão  
Se m'a quiser dar  
Ó menina Aurora  
É só p'ra casar.*

## Ó MELINDRA

(Recolhida em Cércio)

Moderatto

The musical score is written on three staves. The first staff begins with a treble clef and a 2/4 time signature. The melody is simple and folk-like. The lyrics are written below the notes. The first two lines of the score are marked with '1.ª' and '2.ª' respectively, indicating different versions of the melody. The lyrics are: 'Ó Me - lin - dra, Ó Me - lindra (!) Tris - tes nuo - bas t'eu bou dar dar Ma - ta - ram - t' - o teu fi - lho - - - nho E - - - le anda - - - va a tra - ba - - - lhar'.

Ó Me - lin - dra, Ó Me - lindra (!) Tris - tes nuo - bas t'eu bou  
dar dar Ma - ta - ram - t' - o teu fi - lho - - - nho  
E - - - le anda - - - va a tra - ba - - - lhar

*Ó Melindra, ó Melindra<sup>(1)</sup>  
Tristes nobas t'eu bou dar  
Mataram-t'o teu filhinho  
Ele andava a trabalhar.*

*Ele andava a trabalhar  
Andava a ganhar dinheiro  
Mataram-t'o teu filhinho  
À sombra d'um amieiro.*

*Mataram-m'o meu filhinho  
Quem me há-de ganhar o pão?  
Mataram-m'o meu filhinho  
Ao passar d'um águieirão.*

(1) «Melindra» é o equivalente nome em Português a «Ermelinda».

## JOSÉ QUERO

Ancantino (Recolhida em Prado Gatão)

Jo - sé que - ro Jo - sé a - mo Jo - sé tra - go no sen -  
ti - do Jo - sé ti - do Por cau - sa, de ti Jo - sé Te - nho o  
meu so - no . per - dido Por cau - dido

*José quero, José amo  
José trago no sentido,  
Por causa de ti, José,  
Trago o meu sono, perdido.*

*Ó João, ó Joãozinho  
Dizem que és meu namorado  
Meia volta, troca o par,  
O meu par já 'stá trocado.*

*A silva é prendediça  
Prende a gente pela roupa  
Também tu a mim prendeste  
E a vontade não era pouca.*

## REIS PRÊTOS (20)

Modo Recolhida em Miranda)

Vozes que veem de B'lém com ale - gri - a - gri - a Can -

- tando e bailan - do de ver a Ma - ri - - a Can - i - - a

*Vozes que veem de B'lém com alegria  
Cantando e bailando de ver a Maria*

*De ver a Maria lo ouro fino  
Tábém lá 'staba o Deus-Menino*

*Deus-Menino de Nazaré  
Também la 'staba o San José*

*San José morreu d' amor  
Baila e canta tod'o pastór*

*Tod'o pastór baila e canta  
De ver o Presépio, glória tanta!*

*Glória tanta e tan suabe  
Valha-nos a Santissima Trindade*

*Santissima Trindade nos dê Boas-Festas  
Dai-nos os réis antes qu' esqueça.*

*Antes qu' esqueça os reis canta,  
Paga bem o barba branca.*

*O barba branca paga bem,  
Dá dé-reis doze ao bintem.*

*Doze ao bintém dará o do sacco  
Baila e canta com' um macaco.*

— segue —  
(Todos os versos são bisados)



REIS PRÉTOS — (Continuação)

Moda 2.º

O rei man — ga é 'sa — bel umba Ó 'sabel um — ba

All.º 3.º

Nos somos quatro pretinhos To — — dos quatro da Gui —  
bemos quatro ca — na — das To — — dos fi — ca — — mos em

né be — pé Ó do xi xe ri xi Ó do xi xe ri  
é ó do xi xi ri xi Ó do xi xe ri

xé Me — — ni — na bo — — ni — ta p'ro preto não é  
xé Me — — ni — na bo — — ni — ta p'ro preto não é

O rei Banga  
Ó 'sabel unbá  
Ó 'sabel unbé  
(imitando um espirro) — hatche!!!

Ó do xixerixi  
Ó do xixerixé  
Menina bonita  
P'ró preto não é

Nos somos quatro pretinhos  
Todos quatro da Guiné  
Bebendo quatro canadas  
Todos ficamos em pé.

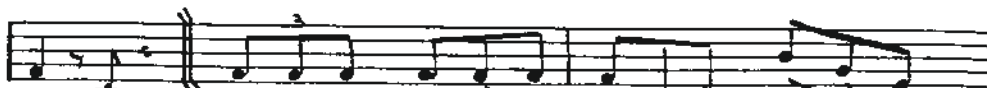
Ó do xixerixi  
Ó do xixerixé  
Menina bonita  
P'ró preto não é



O rei man — ga é 'sa — bel umba Ó 'sabel um — ba



Nos somos quatro pretinhos To — — dos quatro da Gui —  
bemos quatro ca — na — das To — — dos fi — ca — — mos em



né Be — pé Ó do xi xe ri xi Ó do xi xe ri  
é ó do xi xe ri xi Ó do xi xe ri



xé Me — ni — na bo — — ni — ta 'ro preto não é  
xé Me — — ni — na bo — — ni — ta p ro preto não é

O rei manga  
Ó 'sabel umbé  
Ó 'sabel umbé

P'ró preto sim, é.

Trabalha, caçarrão,  
Eu co' pé e tu co' a mão  
E co's cascaranhais  
Amanhã hei-de te mandar pingar. (1)

Vou-me d' aqui, vou-me  
Não volto aqui mais  
Diz-me, lindo amor  
A razão por que vais.

Adeus, adeus  
Adeus, que me vou  
Não tchores, amor  
Que eu ind' aqui 'stou.

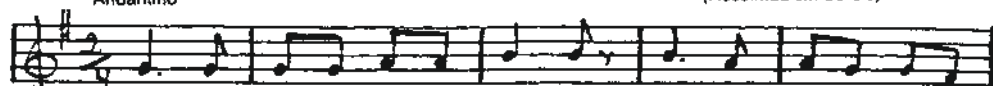
Adeus, adeus,  
Adeus, que me vou  
Vou p'ra a minha terra  
Que eu d'aqui não sou.

(1) Esta quadra ouvia eu recitar a meu tio João Ferra de Sendim (há mais de 50 anos, no fim de recitar a canção natalícia, «Oh Vós que vindes de Belém com Alegria».

Andantino

## HABAS BERDES (21)

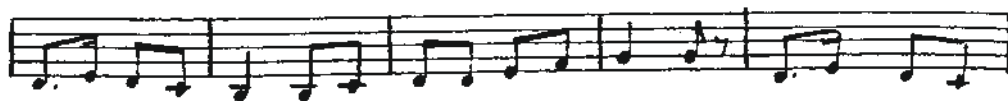
(Recoñida em Cêrcio)



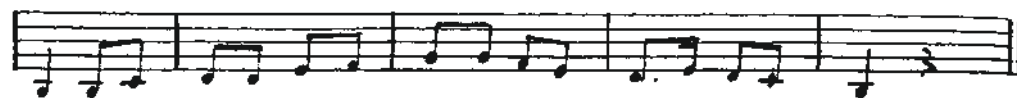
Ha — — bas berdes habas ber — des Bi — en bos bêi — o ber — de



gar Nos pa — la — cios de miu pai Quien me diera d'álhá 'tar



To — ma — las a — lhá To — m' a — mór las ligas ber — des To — ma — — las a —



lhá Dá — las tu a quien que — — ji — — res Qu'a mi nada se me dá.

*Habas bérdes, habas bérdes,  
Bien bos bêio berdegar  
Nos palaços de miu pai  
Quien me dira d'álhá 'star.*

*Toma-las alhá  
Toma, amor, las ligas bérdes  
Toma-las alhá,  
Dá-las tu a quien quejires  
Qu'a mi nada se me dá.*

## VOU-ME D'AQUI (22)

Andantino

(Recolhida em Miranda)

Musical score for 'Vou-me d'aqui' in 2/4 time, marked Andantino. The score consists of three staves of music with lyrics underneath. The first staff contains the first line of lyrics: 'Vou-me d' aqui, Vou-me não volto aqui mais Vou-me d'a -- qui'. The second staff contains the second line: 'Vou-me Não vol - to a -- qui Mas Diz-me lin -- do a -- mor a ra -- zão'. The third staff contains the third line: 'por que vais diz-me vais a -- de -- sou'. There are repeat signs and first/second ending brackets in the second and third staves. The first ending is marked '1.ª vez' and the second ending is marked '2.ª vez' and 'fim'.

### VOU-ME D'AQUI

*Vou-me d' aqui, vou-me* bis  
*Não volto aqui mais*  
*Diz-me, lindo amor* bis  
*A razão por que vais.*

*Adeus, adeus* bis  
*Adeus, que me vou*  
*Não tchores, amor* bis  
*Que eu ind' aqui 'stou.*

*Adeus, adeus,* bis  
*Adeus, que me vou*  
*Vou p'ra a minha terra* bis  
*Que eu d' aqui não sou.*

*«LAÇOS» DOS PAULITEIROS* <sup>(23)</sup>



## EL TORO

Andante (Recolhido em Cérco)

The musical score is written on a single treble clef staff with a key signature of one flat (Bb) and a 3/4 time signature. The tempo is marked 'Andante'. The lyrics are written below the notes. There are several triplet markings (indicated by a '3' in a circle) over the notes for 'tres, tres, tres, tres, tres mil ducados', 'trigo', 'Mi trigo perdido', and 'Ni al grande castigo'. The lyrics are: El to-ro de esta vil-la To-do el tri-go me ha co-mi do Hei-de po-ner-lo en justi-ça Por un Dios que le ha pe-di-do Tres, tres, tres, tres, tres mil du-ca-dos va-li-mi trigo Mi trigo sem-bran-do Mi tri-go di-do Vil-lano atre-vi-do No te-me a Dios Ni al grande cas-tigo En que el villa-no es valiente justi-ça le hemos de dar

El to-ro de esta vil-la To-do el tri-go me ha co-  
mi do Hei-de po-ner-lo en justi-ça Por un Dios que le ha pe-  
-di-do Tres, tres, tres, tres, tres mil du-ca-dos va-li-mi  
trigo Mi trigo sem-bran-do Mi tri-go  
di-do Vil-lano atre-vi-do No te-me a Dios Ni al grande cas-  
-tigo En que el villa-no es valiente justi-ça le hemos de dar

## EL TORO

*El toro de esta villa  
Todo el trigo me ha comido  
Heide ponerlo en justiça  
Por um Dios que le ha pedido  
Tres, tres, tres, mil ducados  
Valia mi trigo  
Mi trigo perdido  
Villano atrevido  
No teme a Dios  
Ni al grande castigo  
Enque el villano es valiente  
Justiça le hemos de dar.*

## PRIMABÊRA

Allegro

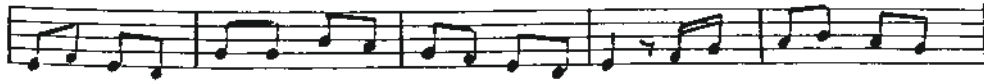
(Recolhida em Cêrcio)



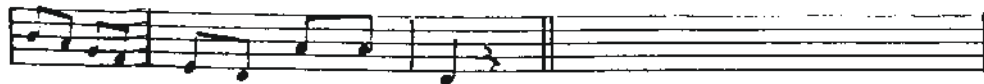
Ú - a dan - sa a -- pren - di - mos An tiempo de pri - ma --



- bê - ra A la Birge de l'Ro -- sairo Le pe - di - mos mui de - beras Le pe -



- dimos mui de - be -- ras Con mui grande debo - cion Que mos dê salud e



grácia para fazer la fun - - - - cion

## PRIMABÊRA

*Uã dansa d' aprendimos  
An tiempo de primabêra  
A la Birge de l' Rosairo  
Le pedimos mui de-bêras.*

*Le pedimos mui de-bêras  
Cum mui grande debocion  
Que mo dê salud e grácia  
Para fazer la funcion.*



All.<sup>o</sup>

## LAS ROSAS

(Recolhida em Cércio)



Se fuerdes a co -- ger ro -- sas Al jar -- din de mi se --



ñor A co -- ger la blan -- ca flor Co -- gei de las más de



ba -- jo Que las me -- jor o -- lor

## LAS ROSAS

*Se furdes a coger rosas  
Al jardim de mi señor  
Cogei de las más de bajo  
Que son las de mejor olor.*

## LOS PUENTES

Andante (Recollida en Cércio)

A la puen--te de dinglonde--ra Dinglondan Vein-ti  
-cinco ci---guenhas Van Fue-ra de la villa Fue--ra del lu-  
gar Fuera de la vil-la d'lo ar- --ra-----bal

The image shows a musical score for a song titled 'LOS PUENTES'. It consists of three staves of music. The first staff begins with the tempo marking 'Andante' and the note '(Recollida en Cércio)'. The lyrics are written below the notes. The second and third staves continue the melody and lyrics. The lyrics are: 'A la puen--te de dinglonde--ra Dinglondan Vein-ti -cinco ci---guenhas Van Fue-ra de la villa Fue--ra del lu- gar Fuera de la vil-la d'lo ar- --ra-----bal'. The lyrics are written in a stylized, spaced-out font.

*A la puente de dinglondera  
Dinglondan  
Veinticinco ciguenhas van,  
Fuera de la villa  
Fuera del lugar  
Fuera de la villa  
D'lo arrabal.*

## MARIDITO

All.<sup>o</sup> (Recolhida em Constantim)

A mi ma - ri - di - to ma - té Por - que me da - ba la vida muy  
mala Ay - u - del - me - li a ar - ras - tar Que muer - to lo  
ten - go de - ba - jo d'la cama

The image shows three staves of musical notation in treble clef with a key signature of one flat (Bb) and a 2/4 time signature. The first staff contains the first line of music and lyrics. The second staff contains the second line of music and lyrics. The third staff contains the third line of music and lyrics. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes.

## MARIDITO

*A Mi Maridito maté  
Porque Me daba la vida muy mala  
Ayudaimelo a arrastar  
Que muerto lo tengo  
Debajo d'la cama.*

## EL JARDIN

(Recolhida em Costantim)



A la puer— ta del jar — — — din Tiene mi da — ma la casa En la

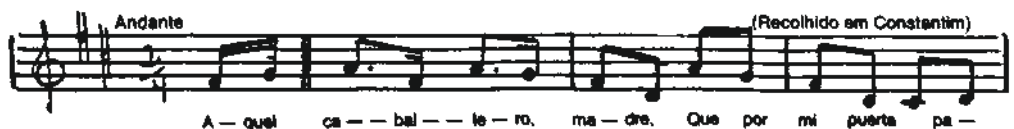


ra — ma más her — mo — sa tien'de colgar el can — — — — dil

## EL JARDIN

*A la puerta del jardín  
Tiene Mi dama la casa  
En la rama más hermosa  
Tien'de colgar el candil*

## CABALLERO



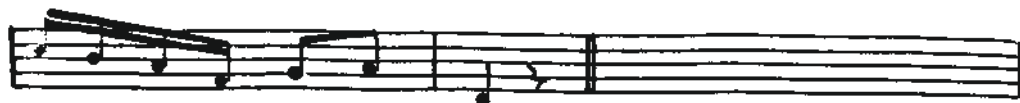
A - quel ca - - bal - - le - ro, ma - dre, Que por mi puerta pa -



- só El me qui - - so, yo lo quise Co - mo le di - - - ré que



no? Tres be - si - cos le man - - dé Dar - se los quiero Dar-se los dar



Dar - se los que - - ro lue - - go

## CABALLERO

*Aquel caballero, madre  
Que por Mi puerta pasó  
El Me quiso, yo le quise  
Como le diré que nó?*

*Tres besicos le mandé  
Darse los quiero  
Darse los dar  
Darse los quiero luego.*

## BUÔTICAS (24)

Alleg.° Vivace

(Recolhida em Constantim)

The image shows a musical score for a piece titled 'BUÔTICAS (24)'. The score is written on three staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature (C). The tempo is marked 'Alleg.° Vivace'. The music consists of a single melodic line. The first staff contains the first 12 measures, the second staff contains the next 12 measures, and the third staff contains the final 12 measures, ending with a double bar line. The melody is characterized by eighth and sixteenth notes, with some triplet-like patterns.

(Este "Ihaço" não tem letra) <sup>(1)</sup>

---

(1) Em Constantim, tem o nome de «Taira» pequena.

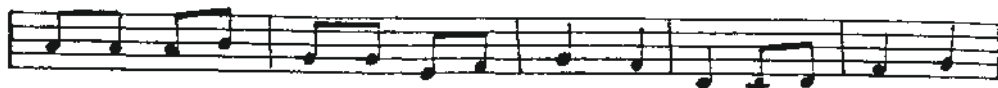
## LA YERBA

Andante

(Recolhida em Constantim)



Se quie — res que te se — gue la tu' yer — — — — ba



Trai — — me la ga — da — — ña Co' la tu pie — dra Pa — ra l'a — — mo —



— lar Trai — — me el car — — ro pa — — ra la carre — — gar Que se —



— ga — — da es — tá Que se — — ga — — da es — — tá

## LA YERBA

*Se quieres que te segue*

*La tu' yerba*

*Trai-me la gadaña*

*Co-la tu piedra*

*Para l'amolar*

*Traime el carro*

*Para la carregar*

*Que segada está*

*Que segada está*

## DON RODRIGO (25)

Modo (Recolhida em Constantim)

Convi — — — — da — — — — ran a Don Ro — dri — — go A pan y a  
vi — — no y a car — — ne — — ro por a — — sar Quan — to nós va —  
li — — a No lo con — — vi — — dar No lo con — — vi — — dar

The image shows three staves of musical notation in a single system. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The melody is written on a five-line staff. Below the first staff, the lyrics are written with hyphens under the notes to indicate syllable placement. The second and third staves continue the melody and lyrics. The lyrics are: 'Convi — — — — da — — — — ran a Don Ro — dri — — go A pan y a', 'vi — — no y a car — — ne — — ro por a — — sar Quan — to nós va —', and 'li — — a No lo con — — vi — — dar No lo con — — vi — — dar'.

## DON RODRIGO

*Convidaron a Don Rodrigo  
A pan y a vino  
Y a carnero por asar;  
Cuanto más valia  
No lo convidar  
No lo convidar.*



## LLIEBRE

(Recolhida em Cércio)

Allegro

The musical score is written on three staves in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 3/4 time signature. The tempo is marked 'Allegro'. The melody consists of eighth and sixteenth notes, with some triplets indicated by a '3' and a slur. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes.

A — queil — — la ma — ja — da arri — ba U — — na lliebre bicorrer Tu l'a —  
— ti — ras yo l'a — ti — ro No la pu — — di — — mos co — — ger Tu l'ati —  
— raste Yo l'a — ti — — ré No tu la ma — — tas — te Ni yo la ma — — té

## LLIEBRE

*Aqueilla majada arriba  
Una lliebre bi correr  
Tu l'atiras, yo l'atiro  
No la podimos coger.  
Tu l'atiraste  
Yo l'atiré  
Ni tu la mataste  
Ni yo la maté.*

## PALOMBAS

(Recolhida em Cércio)

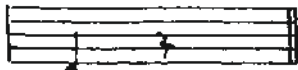
Allegro



Que no son palo — — — rñas, Madre, Las que an — dan nel mi —



— són U — nas son' pa — lo — — mas, madre, OTRAS pa — lo — — — mil — las



son

## PALOMBAS

*Que no son palomas, Madre,  
Las que andan nel Misón,  
Unas son palomas, Madre,  
Otras palomillas son.*

## VILLANO DE ZAMORA

(Recolhida em Cércio)

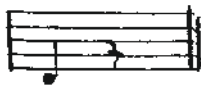
Andante



Al vil — — la — — no de Za — — mo — ra Le dan pan con ce —



— bol — la Al vil — — la — — no que le dan? Ce — bol — li — cas al — lo y



pan

## VILLANO DE ZAMORA

*Al villano de Zamora  
Le dan pan con cebolla.  
Al villano que le dan?  
Cebolicas, ajo e pan.*

## LA CHINA

Andante

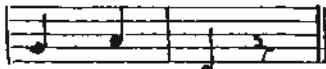
(Recolhida em Cécio)



Pi — ca — me u — na china Nes — te car — ca — ñal



Pi — ca — me u — na chi — na. no pue — do an — dar No pue —



— do an — dar

## LA CHINA

*Picame una china  
Neste carcañal  
Picame una china  
No puedo andar  
No puedo andar.*

## CABALLERO

Andante (Recolhida em Cércio)

Ca — bal — — — le — — ro que quie — res de mi? Co — — ge la

mu — — la Mon — — ta a ca — — bal — — lo Da — le d'es — po — — ra Y bai — — te d'a —

— qui

The musical score is written on a single staff in treble clef with a key signature of one sharp (F#). The tempo is marked 'Andante' and the style is '(Recolhida em Cércio)'. The melody consists of several measures, with some notes grouped in triplets. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. The score ends with a double bar line.

## CABALLERO

*Caballero, que quieres de Mi?  
Coge la mula  
Monta a caballo  
Dale d'espora  
E baite d'aqui.*

## PERDIGÓU

(Recolhida em Malhadas)

Allegro

Tres frailes e — ran Tres frailes son Tres que l'a puntaban A lo per —

— gón Tres que l'apun — taban. A lo per — digón A lo per — — di — gón

## PERDIGÓN

*Tres frailes eran  
Tres frailes son  
Tres que l'apuntaban  
A lo perdigón  
Tres que l'apuntaban  
A lo perdigón.*

## CANÁRIO

(Recolhida em Cércio)

Mod.º

Ca -- ná -- rio mi -- u ca -- ná -- rio fa -- nega de trigo o pa ca -- d'a

-- uno Ca -- ná -- rio mi -- u ca -- ná -- rio g andrés Fa -- -- ne -- ga de

tri -- go pa ca -- da méç

## CANÁRIO

*Canário miu, canário  
Fanega de trigo pa cad'anho.*

*Canário miu, canário andrés  
Fanega de trigo pa cada méç.*

## LA PIMENTA

Alie.º

(Recolhida em Malhadas)

Cuatro cuartos de pimen — ta, En lá tien — da del rincón El ten —  
dero no está en casa la creada me ven — dió Me ajusté con la cre —  
a — da Porque ajusta — ba me — — jor Al ca — — bo de nueve mezes La pi —  
men — ta re — ben — tó! Tiene cuen — — ta! Tie — ner cuenta No te  
pique ,la pi — men — — — ta

## LA PIMENTA

*Cuatro cuartos de pimenta  
En la tienda del rincón  
El tendero no está en casa  
La creada me vendió.  
Me ajusté con la creada  
Porque ajustaba mejor  
Al cabo de nueve meses  
La pimenta rebentó...  
Tiene cuenta,  
Tiene cuenta,  
No te pique la pimenta...*



## LA ÇARAMONTAINA

Andantino (Recolhida em Cécio)

El lu -- gar de la Ça -- ra -- mon -- tai -- na Qu' stá por de -- trás de la sierra Mas a -- ba -- jo 'stá u -- na bar -- ca Que le llama -- ãn -- do -- -- lera Más arri -- ba 'stá o -- tra barca Pegadita a Mora -- della

The musical score is written on a single staff with a treble clef and a 2/4 time signature. The tempo is marked 'Andantino' and the mood is '(Recolhida em Cécio)'. The melody consists of several phrases, each with lyrics underneath. The lyrics are in Spanish and describe a place called 'La Çaramontaina' and a boat called 'Bandolera'.

## LA ÇARAMONTAINA

*El lugar de la Çaramontaina  
Qu' stá por detras de la sierra  
Más abajo 'stá una barca  
Que le llaman Bandolera  
Más arriba 'stá otra barca  
Pegadita a Moreruela.*

## LA BITCHA

Andantino

(Recolhida em Cêrcio)

Indo : lou mi --- e siêr' ar --- ri - ba Delan - tre - de mi' ganado repli - .

-- cando a miu caldeiro Remen - dando ne miu. sa - marro E me

sa - lliu ô --- a lhó - ba Mais é gran --- de qu'ôa bi --- têla Me ti -

- rou ô - a cor --- deira Filha d'ôa o --- be - lha branca é Ne --- la

d'ôa : o --- belha negra Fi --- lha dei me - melhor mar - rão Qu'an la

siêra se pas - seia Deitxa la cor - del - ra. lhó --- ba Mi - ra

que t'sal'cara Que di - zes tu, pas - tór An drento o de tu sa -

- marra Se pa ti e pa tous p'êrossu --- a ma --- no matchegaba A --- bai -

xo siête ca - tchórros Ari --- ba per - ra Gua - dia --- na Que si

ma--tar--des la lhóba te--ne--reis lá ce--na ganha Siê-te

caldei--ros de lheite E outros siê--te de ta--lha--da Mas si  
 verum siête lheugas Tôdas siê-te por a--ra--da E al

les per--ros, pas--tór Qu'iouno buôlboa tu'ma--lha--da Que per--  
 1.º 2.º 3.º

no me la matar--des a--pa--nha--is caia--tada An--di Tchama  
 fim de siête lheugas ya la lhoba i--ba can--sada  
 ros corno los tous No tos hai an Portu--sada al!

## LA BITCHA

(Variante de Malhadas)

Moderato

In -- do iou mie sierra arriba De -- lan --

tre de mi -- ga -- nado Re -- pi -- can -- do ne miu } cai --

dei -- ro Re -- men -- dando ne miu sa -- marro

## MIRONDUM

(Recolhida em Cércio)

Andante

Mirondum Mirondum Mirondela Mirondum se fúe a la guiêrra No  
sé quando venirá No sé quando venirá No sé se ven'rá por la  
Pascua se por la Trinidad La Trinidad se pas - sa Miron -  
dum Mirondum Mirondela La Trinidad se passa Mirondum se murió  
yá

## MIRONDUM

*Mirondum, Mirondum, Mirondela  
Mirondum se fúe a la guiêrra  
No sé quando venirá  
No sé quando venirá  
No sé se ven'rá por la Páscoa  
La Trinidad se passa  
Mirondum, Mirondum, Mirondela  
La Trinidad se passa  
Mirondum se murió yá.*

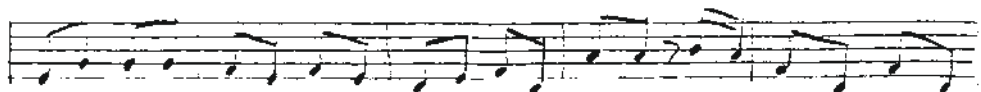
## ACTO DE CONTRICCION

(Recolhida em Cercio)

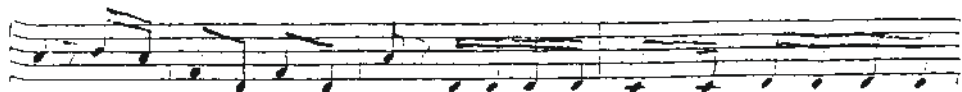
Allegro



Señor mio Jesus Cristo Dios y Hombre verdadero Crea -



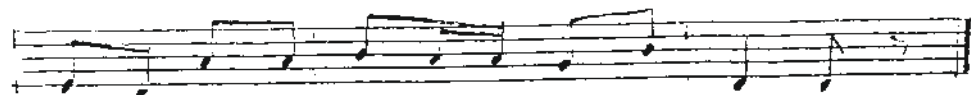
dor y Redentor y Salva - dor de cielo y tierra y en nombre de Dios a -



men Y los otros dos tambien Pésa - me, Se - ñor de todo el cora -



zon besan - do la tierra Per - do - nai - - nos Dios mio Y dai -



nos la gloria e - - tierna la gloria e - - - tier - - - na

## ACTO DE CONTRICCION

*Señor mio Jesus Cristo  
Dios y Hombre verdadero  
Criador y Redentor  
Y Salvador de cielo e tierra  
Y en nome de Dios ámen  
Y los otros dos tambien  
Pésame, Señor, de todo el carazon  
Besando la tierra,  
Perdonaimos, Dios mio,  
E daimos la gloria etierna  
La gloria eterna.*

## ANRAMADA

(Recolhida em Cércio)

Allegro

Se quie. que. t'anrame la puerta Vida mia del mi co - ra -  
zon Se quieres que te la desan - - ra - me Tus a - - mo - res los mios  
son Se tu quieres venir co - mi - go De ma - - ñana por la ven -  
tana de nuestro servicio de nuestro servicio de nuestro balcon Se quie -  
res que t'anrame la puerta tus a - mores los mios son

## ANRAMADA

*Se quieres que t'anrame la puerta  
Vida mia del mio corazón  
Se quieres que te la desanrame  
Tus amores los mios son.  
Se tu quieres venir conmigo  
De mañana  
Por la ventana  
De nuestro servicio  
De nuestro servicio  
De nuestro balcón,  
Se quieres que t'anrame la puerta  
Tus amores los mios son.*

## OUFÍCIOS

Andante (Recolhida em Cércio)

Que o - fi - - cio a - - prender, , Ma - - dre, Que me man - ten - - ga, se -  
nhór? Fer - rei - ro car - pin - - tei - ro Al - - fai - - a - - tei ser - - ra -  
- dor An - ton pa - ro - lei - ro .An - ton paro - - lei - ro Ca - - da  
qual A sou po - - leiro

The musical score is written on four staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 3/4 time signature. The tempo is marked 'Andante' and the origin '(Recolhida em Cércio)'. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. The second and third staves continue the melody, with the third staff featuring a triplet of eighth notes. The fourth staff concludes the piece with a double bar line.

## OUFÍCIOS

*Que ofício aprender, madre,  
Que me mantenga, senhór?  
Ferreiro, carpinteiro,  
Alfaiate, serradór?*

*Anton, paroleiro  
Anton, paroleiro,  
Cada qual  
A sou poleiro.*

## OFÍCIOS

Al.<sup>o</sup> (Recolhida em Constantim)

Qui — ro    a — pre — n — der    un   o — fi — cio    que   me   man — ten — ga,   se —

ñor    Ar — re — di — to    sa — pa — te — ro    bo — ti — ca — rio    car — da —

— dor    An — ton,    pa — ro — lei — ro    tan — ton    Ca — da    qual    a    su    po — leiro

## OFÍCIOS

*Quiero aprender un oficio  
Que me mantenga, señor,  
Arredito, zapatero  
Boticario, cardador.*

*Anton, paroleiro, anton,  
Cada cual  
A su poleiro.*



## CAMPANITAS DE TOLEDO

All.<sup>o</sup> (Recolhida em Cérchio)

The musical score is written on a single staff in treble clef with a key signature of one flat (B-flat). It begins with a treble clef, a key signature of one flat, and a common time signature. The melody consists of a series of eighth and quarter notes. The lyrics are written below the staff, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. The lyrics are: Cam — pa — ni — tas de To — ledo de Grana — da co — mo son? Por — tu — i — ban todas juntas fa — zi — en ùa procisson Lheba — é — sas e ga — lhe — gas Marro — quinas to — das son Quando ban berças cum bino Mis — tu — ra — das cum qui — — — — — nhon Pi — — ca — — di — — tas cum tou — — ci — — no Cum tchou — ri — — ço in — da me — lhor's son

Cam — pa — ni — tas de To — ledo de Grana — da co — mo son? Por — tu —  
i — ban todas juntas fa — zi — en ùa procisson Lheba —  
é — sas e ga — lhe — gas Marro — quinas to — das son Quando  
ban berças cum bino Mis — tu — ra — das cum qui — — — — — nhon Pi — — ca —  
— di — — tas cum tou — — ci — — no Cum tchou — ri — — ço in — da me — lhor's son

## CAMPANITAS DE TOLEDO

*Campanitas de Toledo  
Da Granada, como son?  
Portuésas e galhegas  
Marroquinas todas son.  
Quando iban todas juntas  
Fazien ùa procisson  
Lhebaban berças cum bino  
Misturadas cum quinhon.  
Picaditas cum toucino.  
Cum tchoriço inda melhor's son.*

## EL PADRE D'ANTÔNHO (26)

Andante (Recolhida em Cêrcio)

Le Padre d'Anto — nho iê — ra Cristiano, honrado e prudente  
Que man — te — — ni — — a su' ca — sa Cum le su — or de su'  
fren — te Qu'el tenie un hor — to don — de co — gi — — a  
Cum muit' ale — — gri — — a La fru — ta de l'campo que l'tiempo tra —  
— zi — — e

The musical score is written on five staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 4/4 time signature. The tempo is marked 'Andante'. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. The piece concludes with a double bar line and a fermata over the final note.

### EL PADRE D'ANTÔNHO

*El padre d'Antônio era  
Cristiano, honrado e prudente  
Que mantenie su' casa  
Cum el suor de su' frente.*

*Qu'el tenie un horto  
Donde cogia  
Cum muit' alegria  
La fruta de l' campo  
Que l' tiempo trazie.*

*Amiêntes<sup>(1)</sup> iou bou a missa  
Muito cuidado has-d'tener  
Cum todos los paxaricos  
Que m' estan botando a perder.*

*Porisso t' ancargo,  
Antônio amado  
Que tengas cuidado  
Cum los paxaricos  
Que nun coman lo sombrado.*

(1) Significa «enquanto» en vou à missa.

## LA BERDE

Andante (Recolhida em Cércio)

A la ber — de reta mar solito andar Berde berdin A la  
sombra d'aquel oli — val So — lito andar mi amor domundo Retent' aqui Retent'  
li Moço galan Poli — do · Juan Corre — je — dor Corre — je — dor Corre — — — je —  
— dor A la car — cel mellebaran preso So — — lito an — — dar No por traidor

The musical score is written on a single staff in treble clef with a key signature of one flat (Bb) and a 3/4 time signature. The tempo is marked 'Andante'. The piece is identified as '(Recolhida em Cércio)'. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. There are three triplet markings (indicated by a '3' in a circle) over the notes for 'oli — val', 'Corre — je — dor', and 'So — — lito an — — dar'.

## LA BERDE

*A la berde retamar  
Solito andar  
Berde berdin  
A la sombra d'aquel olival  
Solito andar  
Mi amor domundo  
Retent' aqui  
Retent' alli  
Moço galan  
Polido Juan  
Correjedor — (três vezes)  
A la carcel mellebaran preso  
Solito andar  
No por traidor.*

## CARRASCAL

Andantino (Recolhida em Cércio)

Carras — cal de Bal — ba — di — lha las tór — res de Sa — li — nar Le pas —  
— tór d'estas o — bê lhas de balde nun ha — d'andar Ar — ri — ba, ar — riba — pas —  
— tór A guar — — dar le miu ga — na — do Nun te pa — go la sul —  
— da — da pa — r'an — da — res de na — mo — ra — do de na — mo — — rado

## CARRASCAL

*Carrascal de Balbadilha  
Las torres de Salinar  
Le pastór d'estas òbèilhas  
De-balde nun ha-d' andar.*

*Arriba, arriba, pastór  
A guardar le miu ganado,  
Nun te pago la suldada  
Pur' andares de namorado  
De namorado.*

## VÁRIAS



## O CEGO FINGIDO (27)

Mod.<sup>o</sup> (Recolhida em Constantim)

A -- bre -- te, jinela Cer -- ra -- te pos --  
ti -- go . Dai -- m'acá, um lenço Que bengo fe -- rido

### O CEGO FINGIDO

*Abre-te, jinela,  
Cerra-te, postigo,  
Dai-m'aca um lenço,  
Que bengo ferido.*

*Se benis ferido,  
Beni muito embora,  
Que a minha jinela  
Não s'abre a est' hora.*

*Lhebanta-té Mineta,  
Do doce dormir,  
'sta um cego a porta  
Com lindo pedir.*

*Lebanta-te Mineta,  
Dá-le pão e binho  
A êsse pobre cego  
Que bem de caminho.*

*Não quero o teu pão  
Tampouco o teu binho,  
Quero que a Mineta  
M'ensine o caminho.*

*Agarra, á Mineta,  
A roca e o linho,  
Bai co' pobre cego  
Ensina-l' o caminho.*

*Lá diante, cego,  
Lá bai o caminho;  
Lá diante, cego,  
Naquel berde pinho.*

*Anda, á Mineta,  
Mais adiantinho  
Sou curto de vista,  
Não bejo tal pinho.*

*Balha-me Deus  
E a Birge Maria  
Quanta gente passa  
De cabalaria!*

*'sconde-t' á Mineta  
Na minha capinha  
Imentes passa gente  
De cabalaria.*

*Nunca bi pobre cego  
Com tanta fantasia:  
Espada dourada  
E cinta fingida.*

*A Cinta é minhã  
A espada é tua,  
Tchube-t' á Mineta,  
Pa' riba da mula.*

*A Espada é tua  
A cinta é minha,  
Anda, á Mineta,  
Que bais ser rainha.*

*Balha-me Deus  
E a Birge Maria,  
Estes meus trabalhos,  
Já minha mái os sabia.*

*De duques e condes  
Já fui pretendida,  
E agora dum cego  
Me bejo rendida.*

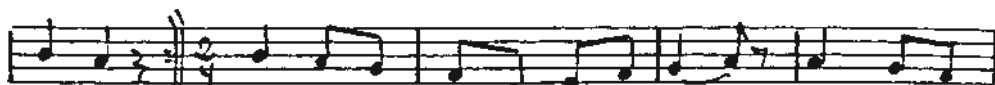
## ADEUS A MIRANDA

Mod.º

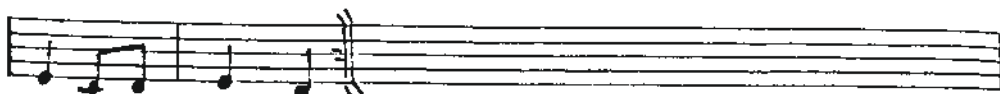
(Recolhida em Miranda)



Hei — de rodear a Mi — ran — da Com va — ra e meia de



fita a por — ta do meu a — mór Hei — de pôr



a :mais } bo — ni — — ta

## ADEUS A MIRANDA

*Hei-de rodear a Miranda  
Com bara e meia de fita,  
À porta do meu amor  
Hei-de pôr a mais bonita.*

*Adeus, adeus, ó Miranda  
Adeus ó adro da Sé  
Adeus, ó Paço do Bispo  
Terreiro de São José.*

*Adeus, adeus, ó Miranda,  
As costas te bou virando  
Minha boca se bai rindo  
Meu coração bai tchorando.*



Adágio

## FIADOURO — I

(Recolhida em Malhadas)

Qu'es — trigas te — nho na ro — ca

Que ma — ça — ro — ca eu fa — rei

Que amó — res

tão lindos te — nho

Sem os bus — car os a — chei

### FIADOURO

*Qu' estrigas tenho na roca  
Que maçaroca eu farei  
Que amóres tão lindos tenho  
Sem os buscar os achei.*

*Minha mãe não quer' que eu baia  
Onde gostam de me ber  
Quantas boltinhas eu dou  
Sem minha mãe o saber.*

*Tendes o olmo a porta  
De casa ripais-l' a folha  
Quem tem amóres defronte  
P'ra outra banda não olha.*

*Tendes o olmo a porta  
Tendes sombra de contino  
Quem tem sombra tem regalo,  
Quem tem regalo tem mimo.*

*Debaixo do olmo branco  
Falou-se o meu casamento,  
Não pensei que o olmo branco  
Tivesse tal mer'cimento.*

*As estrelas miudinhas  
Fazem o Céu bem composto  
Também bós, minha menina,  
Sois bastante do meu gosto.*

*As estrelas miudinhas  
Fazem o Céu amarelo  
Já me querem conturbar  
De falar com quem eu quero.*

*Prendi o sol c'uma fita  
As estrelas c'um cordão  
A lua c'um cadeado  
E a ti no meu coração.*

*Ó lua bai-te deitar  
Na cama da minha amada  
Dá-le um beijinho por mim  
Se ela 'stiber acordada.*

## FIADOURO — II

Ha silvas que pre -- dem sil -- vas Ha sil -- vas que  
 'moras dão U -- ma sil -- va des -- ta terra  
 Prendeu o meu co -- ra -- ção

*Chamais-me ginja madura  
 Eu não sou tão delicada  
 Sou de corpinho bem feita  
 Sou em bôs mal empriada.*

*Chamais-me amor perfeito  
 Eu não sou tão delicada  
 Amor perfeito só Deus  
 Filho da Birgem Sagrada.*

*Se o loureiro não tibesse  
 Pelo meio tanta rama  
 Da minha janela bia  
 Os olhos da minha dama.*

*Se o loureiro não tibesse  
 Pelo meio tanta flor  
 Da minha janela bia  
 Os olhos do meu amor.*

*Rosa que estás na roseira  
 Deixa-te estar em botão  
 Que a rosa depois de aberta  
 Logo perde a estimação.*

*Mangerico da janela  
 Já te podes ir secando  
 Já morreu quem te regaba  
 E eu já me bou enfadando.*

*Sigurelha, segurai-me  
 Que eu quero biber segura  
 Quero dar um desengano  
 A quem tanto me procura.*

*Tenho ùa laranja dóce  
 No fundo do meu baú  
 Para dar ao meu amor,  
 — Querga Deus que sejas tu.*

*Fiz a cama na roseira  
 Com tenção de madrugar  
 Beio o bento e abanou-me  
 'staba bem, deixei-me 'star.*

*Sois alegre e andais triste  
 Dizei-me por que razão  
 Se isso é falta de amor  
 Aqui 'stá meu coração.*

*Os meus olhos, de chorar  
 Nenhuma gracinha têm  
 Tenho dito aos meus olhos  
 Que não chorem por ninguém.*

*Chamais-me pedra caída  
 Da parede derribada  
 Se de bôs estou 'squecida  
 Doutros estarei lembrada.  
 Eu não sou pedra caída  
 Nem caliça de parede  
 Nem sou peixinho do mar  
 Que caia na tua rede.*

### FIADOURO — III

A musical score for the piece 'FIADOURO — III'. It consists of three staves of music in a treble clef, 3/4 time signature, and a key signature of one sharp (F#). The lyrics are written below the notes. The first staff contains the lyrics: 'A luz da que — — — la can — — dei — — a Mil'. The second staff contains: 'cravos tem no mor — — rão A ão Tam — —'. The third staff contains: '— bem eu te — — — lho mil cra — vos Den — tro do meu coração'.

### FIADOURO

*Dei um nó na junqueirinha  
Quando por ela passei  
Dá-me nobas, junqueirinha  
Do amor que t' entreguei.*

*À minha porta 'stá lama  
À tua 'stá um lameiro  
Quando falares de mim  
Olha para ti primeiro.*

*Hei-de subir ao loureiro  
No meio hei-de reclamar  
Que o meu amor me deixou  
Na maior força de amar.*

*O loureiro bate, bate  
Que eu bem n'ó ouço bater  
Com a rama no telhado  
Sem ninguém o perceber.*

*Eu subi ao alcipreste  
Cheguei ao meio, caí:  
— Alcipreste dos mortais  
Tinha de morrer, morri.*

*Dei um ai à tua porta  
Outro á tua janela  
Outro no meio da rua  
Ninguém soube por quem era.*

*Passarinhos que cantais  
De madrugada, na couve  
Ó quem me dera d'estar  
Nos braços de quem me ouve.*

*Ó tanto estar de janela  
Ó tanto olhar par'ó chão  
Ó tanto mudar o lenço  
D' algibeura para a mão.*

## O VELHO

Musical score for the song "O Velho". It consists of three staves of music with lyrics underneath. The first staff has the lyrics "O -- lha o ve -- lho o lha o ve -- lho O -- lha o". The second staff has "ve --- lho a -- tre -- vido vido Disse -- me na mi -- nha". The third staff has "ca -- ra Que qu'ria ca -- sar co -- migo Dis -- se migo". There are first and second endings marked with "1.ª" and "2.ª" respectively.

## O VELHO

*Olha o velho, olha o velho  
Olha o velho atrevido  
Disse-me na minha cara  
Que qu'ria casar comigo.*

*Que qu'ria casar comigo  
Disso o hei-de eu livrar  
Eu dórmo na fofa cama  
E o velho dorme no lar.*

*Fazei-l' cama ao velho  
Não saia para os quintais  
Ele era amigo das mógicas  
E das ginjas garrafais.*

*Fazei-l'a cama ao velho  
Não volte de lá a sair  
Ele era amigo das mógicas  
E das creadas de servir.*

*Se quiser casar comigo  
Há-de ser com condição:  
De eu dormir na cama fofa  
E o velho dormir no chão.*

- (1) Leite de Vasconcelos — *Cancioneiro Popular Português*, I, n.º 416, pg. 462. Deste romance «Uma dança se armava em França» — Leite de Vasconcelos só encontrou uma versão em Parada de Infanções, concelho de Bragança e não conseguiu encontrar mais versões em romances, nem em locais portugueses. — Bibliografia C. P. P., pg. 463.
- (2) Ver Leite de Vasconcelos — C. P. P. — «*Conde Flores*» — «*Conde Dúlos*», pg. 117, Tomo I com 11 versões, sendo 5 de temas de Vinhais e Bragança. — Bibliografia ap. cit. I, pg. 131.
- (3) «*Romeira*» é romance muito divulgado no Nordeste Transmontano. O R. P. P. transcreve 8 versões todas recolhidas no Nordeste Bragançano. Há versões, metade em mirandês, metade em português, recolhidas em Campo de Vêboras e em Duas Igrejas. — Ver Bibliografia deste romance. R. P. P. II, pg. 5.
- (4) Helena é uma variante da *Bela Infanta*, que L. de V. classifica com a letra B e A, parte A é mesmo a *Bela Infanta* ou em alguns locais, «*D. Infancia*», ver III vol. do *Cancioneiro Tradicional Mirandês*. No R. P. P. publicam-se 10 versões de «*Helena*» ou «*Helena e o Marido*», todos recolhidos nos arredores de Bragança e são muitas as variantes no resto das províncias de Portugal, 50 versões da *Bela Infanta* e 10 de *Helena* ou *Clara linda*. — Bibliografia C. P. P. I, 396.
- (5) Deste romance publicou Leite de Vasconcelos 7 versões no I vol. do R. P. P. sendo 4 do Nordeste Transmontano e duas por identificar. Ver Bibliografia Op. Cit., pg. 50.
- (6) O «*Veneno de Mariana*» que é o nome porque geralmente é conhecido este romance, aparece também com o título de D. Jorge e D. Angénha que são os personagens intervenientes na acção. Leite de Vasconcelos publicou no II Tomo do R. P. P. 16 versões deste romance muito difundido em Portugal, Espanha, Brasil e Américas. A mulher é que varia ainda os nomes em D. Ansenda, D. Angénia, D. Augénia, D. Ansénia, Juliana o do outro interveniente é sempre D. Jorge, ou «cavaleiro» e na Madeira apareceu «*Xacra de D. Bone*», ver Bibliografia C. P. P., pg. 112, II.
- (7) É muito frequente em terras de Miranda este romance que se cantava na segada. Leite de Vasconcelos no vol. I do R. P. P. pg. 296-310, publica nada menos que 24 versões deste romance sendo 11 do Nordeste Transmontano. Ver Bibliografia R. P. P., pg. 310.
- (8) São muito raras as versões deste romance que em Espanha se encontra com o título de «*El diablo Romero*» — (in seminário Menéndez Pidal) «*El Romancero Oral*» Diego Catalan — Rectorado de la Universidad de Madrid, 1972. Não sei mesmo se em Portugal se terá encontrado alguma versão, com o nome de Alexandre ou «*O Diabo feito Romero*» — Leite de Vasconcelos não o cita.
- (9) «*La serena de la noche*» ou «*A Filha do Emperador de Roma*» é romance muito divulgado no R. P. P. Leite de Vasconcelos, traz 8 versões todas elas originárias e recolhidas no Nordeste Transmontano, entre elas uma colhida em Terra de Miranda por Artur Alves de Vila-Chã, em 1937 que é metade em português, metade em mirandês, o que, em parte, é uma prova da sua origem castelhana. — Bibliografia Leite de Vasconcelos, R. P. P. I, pg. 322.
- (10) O *Cancioneiro Popular Português* de L. de V. traz 11 versões deste romance. Vol. II, 407-418. Algumas são de final nitidamente pornográfica.
- (11) São 16 as versões deste romance dispersos por todo o país sendo 8 só do Nordeste Transmontano. Bibliografia R. P. P. de L. de V. I, pg. 459.
- (12) O R. P. P. de L. de Vasconcelos traz 10 versões deste romance sobre a Morte do Príncipe D. João de Castela, (1497) — I, pg. 20-27. Sete são do Nordeste Transmontano e 3 são da Terra de Miranda, Bibliografia: R. P. P., pg. 28.
- (13) No R. P. P. de L. de V., pg. 316-322 vem transcritas 12 versões deste romance, todos do Nordeste Português, sendo a de mais longe desta área recolhidos em Valpaços. É uma canção de segada, mas é de uma beleza surpreendente. Bibliografia: ver L. de Vasconcelos, R. P. P., pg. 322.
- (14) 12 versões deste romance traz o R. P. P. mas nenhuma paralela a esta nem parecida. Não se encontra paralela a esta versão de Miranda. É uma espécie de anfitrião mas com certo sentido refere-se aos criados de servir que na manhã de S. João «vão visitar o seu senhor» — a ver se os confirma no serviço, ou os despede no dia de S. Pedro.
- (15) A primeira parte desta canção dos Reis é comum a toda a Terra de Miranda.
- (16) Esta típica canção de Natal, em redondilha menor é comum a toda a Terra de Miranda e canta-se à hora de beijar o Menino. A música é de cariz nitidamente local e dizia-me o etno-musicólogo, já há muito falecido, Armando Leça, que era um ritmo do séc. XVII. Poderemos chamar-lhe como os espanhóis um «vilancico».
- (17) O título desta canção não condiz com o assunto dos quadros e em vez de ser «*Gólgota*», deveria ser «*Auto do Natal*», porque se referem ao nascimento de Jesus.
- (18) A «*Encomendação das Almas*» era geral em todas as aldeias em certas noites de Quaresma, e na Semana Santa em algumas aldeias cantam-se todas as noites até Domingo de Páscoa. É hábito comunitário.
- (19) Esta canção pertence a um jogo de roda.
- (20) Ver quase no final das palavras de abertura. A canção dos reis pretos e a seguinte, devem ser textos e notações musicais de uma contradança do séc. XVIII, representadas em qualquer festa local, possivelmente na quadra natalícia. Estas contradanças foram muito frequentes nas festas dos séculos XVII e XVIII e chegaram até aos nossos dias: ver António Mourinho e Santos Júnior em «*Coreografia Popular Transmontana*».
- (21) Ver António Maria Mourinho, pg. 258, n.º 536. A música ainda hoje se canta na mesma que estas canções.
- (22) É também uma cantiga de roda ou jogo de roda.
- (23) Sobre a letra e algumas notações musicais dos Ihaços dos Pauliteiros, ver nosso I vol. do «*Cancioneiro Tradicional e Danças Populares Mirandesas*», pgs. 453-518, e a introdução no princípio do mesmo volume.
- (24) Este Ihaço de «*Las bóhitas*» sem letra será a «*Taira*» pequena de Constantim?
- (25) Ver I vol. do meu «*Cancioneiro Tradicional*»... Introdução, pg. XXXVI-XXXVII.
- (26) Sobre a letra deste Ihaço ver o mesmo Cancioneiro, I vol., pg. 492, n.º 212-XIV, que faz parte do romance espanhol «*San António y los pajarricos*», e se encontra também no *Romancero de Castilla y Leon* — Valladolid, vol. II.
- (27) «*O Romancero Popular Português*» de Leite de Vasconcelos, vol. I, pg. 91-103, traz 16 versões deste romance, n.º 537-531, sendo seis do Nordeste Transmontano. Bibliografia, R. P. P., pg. 103.

**SIGLAS USADAS:**

**L. de V.** — Leite de Vasconcelos

**R. P. P.** — Romanceiro Popular Português

**C. P. P.** — Cancioneiro Popular Português

## NOTA FINAL OU CONCLUSÃO

Quando me propus dar letra de forma ao «*Cancioneiro de Serrano Baptista*» que Dr. João Lopes Cardoso me pôs nas mãos, (ainda eu vivia no presbitério de Duas Igrejas) para que lhe desse o destino que merecesse, fiquei convencido de que mais ninguém tinha recolhido música popular em Terra de Miranda, a não ser *Rodney Galop*, que foi Adido Cultural à Embaixada Inglesa em Lisboa e andou pelo Norte do país em 1934, recolhendo música popular nas aldeias; mas antes deste, já o etno-musicólogo e professor liceal Armando Leça, havia percorrido o país inteiro, ouvindo, apreciando e escrevendo as canções populares mas sem as transcrever em termos de notação musical completa, de que publicou um volume sobre a «*Música Popular Portuguesa*», e mais tarde já no meu conhecimento, por 1946 publicou um segundo volume com o mesmo título.

Denunciou os factos musicais, anunciou as modas, mas não as transcreveu musicalmente.

Em 1932, Kurth Schindler, professor norte americano da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, musicólogo e folclorista, que deve ter sido orientado para a Terra de Miranda, como o foi para Vinhais, pelo Dr. Raul Teixeira, ao tempo Director da Biblioteca Erudita do Museu Regional de Bragança, hoje «*Museu do Abade de Baçal*». (1)

Kurth Schindler arribou a Cércio e Duas Igrejas e gravou e transcreveu alguns lhaços dos Pauliteiros, pela primeira vez: *Os Ofícios, Canada, o Touro, o Canário, as Rosas, La Freixenosa* (ele escreveu «La Freixeneda»), *Caballero, Las Palombas, o Mirandum* (sic). (O Tio Alfredo Ventura, de Duas Igrejas, falecido ontem, 10-8-87, chamava-lhe o Birundum), *La Berde, El Vilhano de Zamora, El Padre de António, La Pónte, (Por la punte de Dinguelendeira) — (sic) — e as canções religiosas: «Vinde e adoremos» — «Beijai o Menino» — «Partiram do Oriente — Três Reis» — «Tu Quiês que te anrrame la pôrta», — «Anrramada», — «Habas Berdes» e «Acorda», «Pecador acorda», «Encomendação das Almas de Duas Igrejas que são uma autêntica partitura de música sacra-popular». Ao todo são dezoito canções entre lhaços dos pauliteiros e outras canções populares. Fica-nos a impressão, através desta pequena recolha que Kurth Schindler não tomou contacto, talvez por ninguém lhe lembrar, com as canções das segadas e dos serões, dos rimances e das canções encadeadas de Duas Igrejas, onde ainda se cantavam em meados deste século.*

---

(1) P. Firmino Martins «*Folclore do Concelho de Vinhas*» — 65-II.

Então Kurth Schindler teria encontrado também algo do «*or pur*» que encontrou em Vinhais, pois o campo era ainda virgem. Mas ao que parece, ficou-se penas por Cércio com alguns lhaços dos pauliteiros e o canto do Natal «*Beijai o Menino*», e teria dado uma pequena fuga a Duas Igrejas onde recolheu e anotou o magistral canto das *Almas*, talvez o mais solene e adequado de todas as encomendações das Almas de toda a Terra de Miranda.

Esta encomendação das Almas de Duas Igrejas com a fidelidade com que Schindler o transcreveu em notas musicais, é uma ternura quaresmal chocante, quando ouvido em plena rua a meio das noites temperadas de Março.

Reservamos, se Deus nos der vida e saúde, a publicação destas anotações musicais de Kurth Scindler para o III Volume do *Cancioneiro Tradicional Mirandês* juntamente com outras novidades.

Acontece que muitos dos lhaços anotados em Cércio por Serrano Baptista, em 1938, já tinham sido anotados por Kurth Schindler em 1932 e revelam algumas divergências de notação musical e mesmo literária, dentro do mesmo povoado. Ora estas anomalias não se devem a culpa dos recolectores e talvez ninguém tivesse culpa. O que sucede a quem recolhe música popular ou literatura oral no meio do povo rústico, está sujeito a estas «novidades». As versões literárias ou musicais dos informadores é que não são todas iguais, mas variam de pessoa para pessoa, até no mesmo povoado.

E é frequente encontrar estes fenómenos qualquer investigador de literatura oral ou popular, quer no romanceiro quer nas canções das mondas, das segadas e dos fiadouros e até religiosas de origem tradicional e popular.

E não acabo esta conclusão sem perguntarmos primeiro quem era *Serrano Baptista* o autor autêntico deste «Cancioneiro Musical Mirandês».

Por acaso perguntamos ao nosso bom amigo e mirandês Sr. José Maria dos reis, ex-Chefe de Conservação de Estradas, ainda vivo com 71 anos, residindo em Miranda do Douro, e mostramos-lhe o original do mesmo Cancioneiro e ele em resposta escreveu-nos o que a seguir transcrevemos na íntegra:

«Corria o ano de 1937, e o Sr. Dr. Francisco Serrano Sequeira Baptista com sua esposa, natural de Castelo de Visde, vinha tomar posse para o desempenho das funções de Chefe da Secretaria Judicial da Comarca, ao tempo exclusivo de quem possuísse diploma de licenciado em Direito.

Como sempre aconteceu nesta terra, não foi necessário muito tempo para que o Dr. Serrano Baptista se sentisse totalmente integrado no meio, disfrutando do respeito e amizade de todos, de que aliás se tornou merecedor, e que nunca esta gente negou a ninguém.



Muito natural, a intimidade e relações foram-se alargando até chegarem a um ponto em que o interesse pela cultura tomou posição cimeira.

Porque o meio era escasso de recursos, de divertimentos e motivos que ocupassem os tempos livres, como se diz agora, de vez em quando, um grupo de jovens organizava-se e ensaiava uns espectáculos de teatro cujo rendimento revertia sempre ou a favor da Banda de Música da Santa Casa da Misericórdia ou outra instituição local sempre escassa de meios como se depreende.

Aconteceu que um dia se resolveu levar à cena um espectáculo musicado com a opereta «*Os Tirolezes*», como peça de fundo e uma comédia, monólogos, e outras peças de permeio. Aqui cabe agora a minha apresentação, porque andava, sempre que podia nessas andanças de teatro e outras e julgava que seria o Dr. Serrano Baptista quem iria cantar a opereta, dado que era possuidor de uma voz magnífica, tocava maravilhosamente piano e viola, para se acompanhar.

Mas enganaste-te, José Maria dos Reis, ao tempo jovem de 21 anos, filho de família sem profissão, claro está; fôs-te tu mesmo que com a Maria de Lurdes Macedo de Sousa, filha do tenente António Manuel de Sousa, tiveste que cantar a opereta, já que para isso o Dr. Serrano te reconheceu capaz!

Daqui nasceu grande amizade entre ambos e quando o Dr. Serrano se interessou pelo *Cancioneiro* que viria a aparecer aqui, agora tão milagrosamente, acompanhei sempre o seu autor a todas as aldeias, dado que era necessária a presença de uma pessoa conhecida ou talvez mais que isso, para levar as velhas dos povoados, sentadas ao sol a remendar as roupas familiares ou a fazer as meias que as moças deveriam calçar para levar ao baile no domingo, no largo da aldeia, a cantar as canções antigas e tão preciosas, hoje na sua maioria, já esquecidas, mas felizmente gravadas nesse *Cancioneiro*, que ajudei a conseguir com a minha presença, pois que as pessoas das aldeias, naturalmente desconfiadas e muito ocupadas, não teriam cantado se não estivesse presente uma pessoa da sua confiança, diante da qual não só cantaram como dançaram tranquilas e confiantes que o «*Tio de fora*» não vinha «fazer pouco» ou rir-se à sua conta.

Foi esta minha participação neste belo documento que felizmente, está aqui e que hoje já não seria possível recolhê-lo porque a maior parte das canções, já se perderam da memória das gentes para todo o sempre.

Como as coisas, sejam quais forem, não duram sempre, também esta amizade com o Dr. Serrano Baptista teria que ter um fim.

Um belo dia, o Dr. Serrano Baptista foi transferido a seu pedido, já não sei para onde, para perto de Castelo de Vide, sua terra, certamente, o que não se estranha.

Há tempos, alguém que o conheceu aqui, informou-me que tinha morrido e nem dele, de sua esposa, da menina dos caracóis compridos, ou do Toninho tive mais notícias.

De qualquer modo, paz à sua alma e felicidades à família.

Um bem haja! renovado ao Sr. Engenheiro Carlos Lopes Cardoso, cuja mão abençoada e real sentido dos valores da nossa cultura conduziu até aqui este precioso trabalho, e o entregou em boa hora ao devorado mirandês nosso amigo Dr. António Maria Mourinho, que o está dando à estampa».

Já sabemos pois quem é, ou quem foi o Dr. Serrano Baptista, musicólogo e óptimo transcritor de notação musical, cujo original aí ficou fotocopiado, embora de reduzido tamanho.

E deixamos mais considerações para o III Volume do *Cancioneiro Tradicional Mirandês* que já trazemos entre as mãos em fase bastante adiantada. E, até lá, que Deus nos ajude com sua graça.

Miranda do Douro, 17 de Agosto de 1987.

*António Maria Mourinho*



